

Parece além disto que no tempo de Hadriano se imitavam voluntariamente os arranjos capilares arcaicos¹. ¿Será êste exemplar um efeito dêste uso?

Esta máscara, evidentemente de importação, não se inclui facilmente nos dois tipos de asas, que existem no Museu, demais a mais muito rudes. O primeiro é constituído por caras de barba ponteaguda e com relêvo maior ou menor: uma de Torre de Ares (Tavira)², outra do concelho de Tavira³, outra de Mértola⁴, outra de Cárquere (*O Arch. Port.*, xv, 326)⁵, outra de Tróia de Setúbal⁶, outra da Rôlica (*O Arch. Port.*, xix, 88)⁷; ao todo seis. O segundo grupo é de caras redondas, quasi sem relêvo, e às vezes sem indicação da barba: uma do Concelho de Silves⁸, duas de Tróia de Setúbal⁶, quatro de Lamerancha, freguesia de Paseiros⁹ (Tôrres Novas); sete no todo. Nem a um, nem ao segundo tipo êste exemplar pertence, ambos de estilização bárbara, attribuída à península hispânica¹⁰.

LUÍS CHAVES.

Entre Tejo e Odiana

I

Na Pascoa de 1915

Datam de Fevereiro (férias do Entrudo) de 1890 as minhas relações de amizade com a estimavel familia dos Belos, do Alandroal, e devo-as nada menos que à influência de um deus!

Pelas vicissitudes da História, que assim como faz que os humildes se ergam por vezes do pó da estrada à região dos astros, tambem faz que o que algum dia era sagrado possa pouco a pouco tornar-se profano, aconteceu que o santuario de Endovelico, a que nas epochas

¹ «L'archaïsme capillaire des dames romaines», no *Anzeiger für schweizerische Altertumskunde*, xiii, 1911, p. 144.

² Armário n.º 30.

³ Id. n.º 31.

⁴ Id. n.º 38.

⁵ Id. n.º 42.

⁶ Id. n.º 63.

⁷ Id. n.º 65.

⁸ Id. n.º 81. Tem os olhos globulares em relêvo. Da col. de Júdice dos Santos.

⁹ Armário dos bronzes (72).

¹⁰ Pierre Paris, *op. cit.*, p. 239.

pre-romana e lusitano-romana acorriam devotos levando oferendas, se transformasse primeiramente em templo cristão, e depois em mera ruína e curral, anexos a um *monte*, ou casa de herdade. Havendo a herdade, — hoje chamada de *S. Miguel da Mota*, e pertencente ao concelho e freguesia do Alandroal —, passado à posse do Sr. Manuel Inacio Belo, eu, que desejava estudar o que restasse do santuario, fui-lhe apresentado com uma carta do Dr. Teixeira de Aragão; o Sr. Belo acolheu-me com grande cortesia, que logo se converteu em intimidade, tanto da parte d'ele, como da de seu filho o Sr. José Veladas da Silveira Belo, ao tempo estudante em Lisboa: e pude desde então, e em anos subseqüentes, proceder às investigações archeologicas que constam das *Religiões da Lusitania*, II, 111-146, e III, 195-196. O Sr. Manuel Belo faleceu em 1908. As minhas relações continuaram, porém, como d'antes, com o Sr. José Belo, que é actualmente um dos mais considerados lavradores do concelho, a quem os Alandroalenses ha pouco investiram nas funções de presidente da comissão executiva do senado municipal, como já anteriormente, em várias ocasiões, o tinham escolhido para presidente da camara.

Não deixa o meu amigo Belo de a cada passo instar comigo para eu voltar a sua casa, visto que por todo o concelho ha, mais ou menos, assuntos archeologicos, ethnograficos, ou glotologicos que me agradem. Dispondo cronologicamente a menção das minhas visitas ao Alandroal, direi que logo nas referidas férias do Entrudo de 1890 empreendi algumas pesquisas em S. Miguel da Mota, d'onde trouxe para a Biblioteca Nacional, de que eu era um dos Conservadores, duas ámulas de Endovelico e varios fragmentos de outras e de esculturas, e estudei algo da linguagem alandroalense, que foi publicado na *Rev. Lusitana*, II, 24-39. Nas férias da Páscoa do mesmo ano trouxe de S. Miguel umas duzentas lápides, que igualmente se depositaram na Biblioteca Nacional (d'ai transferidas para o Museu Etnológico), e continuei o estudo da linguagem, — vid. *Rev. Lusitana*, IV, 17-77; nas férias do Entrudo de 1891 e de 1892 prossegui as investigações filologicas, em parte ainda agora ineditas, em parte publicadas na *Rev. Lusit.*, *ib.*, 240-246, e coligi documentos de Etnografia (*Folklore*). Com a fundação do Museu Etnologico, que me obrigou a percorrer o país noutras direcções, e a ir lá fora, interrompi durante uns anos as minhas excursões ao Alandroal, mas em Junho de 1904 explorei no concelho a anta dos Apóstolos, fiz escavações em S. Miguel da Mota, e visitei a *villa* romana da Tapada da Fonte-Soeiro; em 1905 explorei o importante cemiterio lusitano-romano da Rouca; em 1907

conclui as escavações de S. Miguel da Mota, e iniciei outras no Castelo-Velho. As minhas pastas e gavetas abundam de apontamentos e notas que respeitam à história de Alandroal, e no Museu Etnologico existem numerosos objectos, nas secções de Etnografia e de Archeologia, provindos de lá: o que tudo devo aos Srs. Belos.

Nas férias da Páscoa do presente ano de 1915 visitei de novo o fecundo territorio onde o deus Endovelico espalhou benções durante seculos, e da visita vou aqui apresentar sumária relação.

29 de Março de 1915.—Parti de Lisboa para Evora, onde pernoitei, e mais uma vez visitei a Biblioteca e o Museu de Cenaculo, estabelecimentos scientificos de que já falei noutros números do *Archeologo*.

Evora tem tantos monumentos de Arte e Archeologia, e tantas particularidades etnograficas, que é sempre grato a quem passa no comboio quedar-se lá, por pouco tempo que seja. Logo à chegada à estação, a catedral, com as suas tórres, nos atrai imponente, do alto de um morro, à esquerda da linha: e os conhecedores da história local sabem que o bairro em que o velho templo medieval se levanta foi o centro da *Ebora* lusitano-romano, e o deve tambem ter sido da *Elbora* visigotica. Para mim, que investigo cousas e lembranças do passado, e nelas me embrenho, as povoações prendem-me, muitas vezes, mais pelo que foram, do que pelo que são. Por isso, quando vou a Evora, ando sempre guiado pela mão de Mestre André de Resende e pela de Gabriel Pereira, meu saudoso colega e amigo: foi pensando nas *Antiguidades* de um e nos *Estudos e Documentos* do outro que, ao aprear-me do comboio, segui pelo Rossio de S. Brás, rua do Paço, praça de Giraldo, até à *Ruancha*, em que está a hospedaria que me deu guarida. A palavra *Ruancha*, composta de *Rua* e *ancha*, mostra um fenomeno de crase, curioso por se manter estereotipado; ao mesmo tempo diz-nos qual a concepção que os antigos formavam da grandeza das ruas, poisque a esta, que é tão estreita, chamaram *ancha* ou «ampla»! A rua, em parte do seu percuso, está ladeada de arcarias, com lojas de negócio, que tem às portas, em bancos, rimas de panos, ou ostentam artefactos etnografico-industriais, mantas de lã, às listras, capotes de gola vulpina, alforges de côr funebre.

Na cidade obtive alguns objectos para o Museu Etnologico: sete machados prehistoricos de pedra, dos arredores; catorze, do aro de Pavia; um raro instrumento de fibrolite, da mesma data, especie de punhal, com um orificio na base—proveniente de Benavila; um frag-

mento de uma faca de sílex, de uma anta de Pavia; uma tacinha arretina, também de Benavila; uma saquinha de seda, inquisitorial; um amuleto de ouro, e uma imagem religiosa de osso; um instrumento musical dos selvagens de África.

30 de Março de 1915.—À 1 hora tomei o comboio para Estremôz, e dormi na vila. Nessa tarde, em companhia do Sr. João José Tinoco, empregado do tribunal judicial da comarca, fiz algumas buscas e aquisições etnográficas, e vi em casa do rico proprietário Sr. Francisco das Dóres Rosado um instrumento neolítico de notável comprimento 0^m,41 e elegancia: appareceu na freguesia de Santa Maria, concelho de Estremôz, em uma terra da herdade da Terça ou da Duquesa; o Sr. Rosado teve a amabilidade de me oferecer para o Museu uma reprodução de gesso do mesmo instrumento (vid. fig. 1), e espero que ele um dia ofereça o proprio objecto, pois só em museus nacionais, da índole do Etnologico, estão a bom recato peças como esta (é uma honra para quem as dá, e uma alegria para quem as vê).

Com o Sr. Rafael dos Santos Grincho, Inspector escolar do círculo de Estremôz, visitei a Biblioteca e o Museu municipais, um e outro bastante modestos. No Museu deviam estar melhor representadas as célebres indústrias de Estremôz, de cerâmica e de mármore. Os *pucaros de Estremôz* são já memorados, pelo menos, desde o sec. XVI¹; do sec. XVII citei um texto (*Auto da lavradora de Ayro*) nos meus *Ensaíos Ethnograph.*, II, 7. Esta indústria continuou até hoje. Outra indústria cerâmica de Estremôz muito importante foi a de faiança, já extinta ao presente, e de que só um ou outro espécime se encontra. De ambas estas indústrias trata tecnicamente o Sr. Charles Lepierre num apreciado e conhecido livro que constitue o n.º 78 de



Fig. 1



Fig. 2

¹ Vid. D. Carolina Michaëlis in *Bulletin Hispanique*, VII, 150.

*Boletim do trabalho industrial*¹. Avoenga da indústria marmorea de Estremôz pode em certo modo considerar-se a que produziu os numerosos ex-votos ou *donaria* do templo de Endovelico: estes *donaria*, se não são rigorosamente feitos de marmore de Estremôz, são feitos de marmore da mesma região².

XVII

À benevolência e ilustração do Sr. Grincho devi a posse de uma moeda antiga, e de uma colher de buxo, lavrada por um pastor com admiravel perfeição,—objectos que vieram para o Museu. Da colher (concha do açúcar) dou na fig. 2 um desenho (de Saavedra Machado)³. Já n-*O Arch. Port.*, XVIII, 288, nota, e XIX, 390, falei de colheres semelhantes, e de outros objectos da mesma especie, fabricados quer tambem de pau, quer de osso, chifre ou cortiça, por pastores. Se alguem se lembrasse de educar em escolas especiais a ingénita habilidade manual d'estes bucolicos artistas, que passam a vida ao pé das azinheiras contemplando as flores do chão e as estrelas do céu para as entalharem com o canivete em utensilios caseiros, poderiam sem dúvida expor-se à venda em bazares e feiras produtos gratiosos dos ovelheiros e boieiros do Alentejo, em substituição de muita bonecada sensabor que para cá vem de fóra, e que quasi sempre em nada condiz com os nossos proprios costumes; todavia, talvez que a arte, ao transformar-se assim em indústria, perdesse algo da sua espontaneidade e caracter!

Na tarde de 31 segui para Vila Viçosa, onde o Sr. José Belo e seu primo Dr. José Vicente Ferreira me esperavam, e todos três nos dirigimos para o Alandroal, cujo castelo pouco depois se nos mostrava negrejando ao longe, sobranceiro à brancura do casario que o avizinha.

¹ Este *Boletim* deve-se à patriótica iniciativa da Repartição do Trabalho Industrial, no Ministerio do Fomento, antigo das Obras Públicas, da qual é Chefe actual o Sr. Oliveira Simões, illustrado official do Exercito, e academico.

² Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 139.

³ O desenho está planificado, mas deve entender-se que o cabo é curvo. Este está ornamentado pelo lado da frente, em $\frac{4}{5}$, pouco mais ou menos, da sua extensão.—A ornamentação consiste em combinação simétrica de folhas estilizadas e borlas, dispostas em volta de três aberturas, uma em cima, foliforme, outra ao meio, como janela de arco de volta redonda, outra em baixo, losânguica. As duas folhas, ou melhor, volutas, que ficam sotopostas à abertura central, viram-se uma para a outra, e formam uma especie de coração.—Além dos lavores e dos vazios, podemos tambem notar os recortes laterais do cabo, que o dividem em quatro partes de desigual tamanho, mas muito harmónicas entre si.

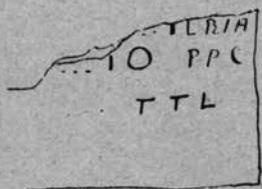
Da vila se lembra Camões quando faz que Paulo da Gama, ao descrever ao «regedor» da India os estandartes em que estavam pintadas as *guerreiras obras* dos nossos maiores, lhe diga de um dos valentes da guerra com Castela no tempo de D. João I:

Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence e o gado apanha
Que levavão roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
D'estes, só por livrar com amor ardente
O preso amigo —preso por leal —:
Pero Rodriguez he do Landroal¹.

Em homenagem a *Pero Rodriguez*, ou *Rodrigues*, se publicou ha anos no Alandroal um jornal politico do mesmo nome: foi seu redactor o Rev.^o Manuel Esteves, polemista talentoso, mas endiabrado.

1 e 2 de Abril de 1915.—Estes dois dias empreguei-os em buscas archeologico-etnograficas, e em colheita de poesia popular.

O Sr. José Belo tinha-me guardado em casa um fragmento de lapide romana de marmore, em que se lêem as letras que transcrevo ao lado,—fragmento apparecido na sua quinta das Freitas: a inscrição pertence à classe das funerarias, mas infelizmente pouco mais posso dizer a seu respeito do que isto, porque só é clara a fórmula final, .. *t(tibî) t(erra) l(evis)*; a 1.^a linha fará parte d'um nome de tribu; o comêço da 2.^a é a terminação de um nome em dativo; as abreviaturas seguintes significarão *p(ater) p(onendum) c(uravit)*, ou coisa semelhante. Não deixa porém de ter importancia êste fragmento lapidar, porque constitue mais um documento da influencia que os Romanos exerceram na localidade.



O mais antigo monumento androalense da epoca portuguesa, e o mais notável, é sem dúvida o castelo, que, fundado em 1262 por um Mestre de Avis, como consta de uma inscrição, conserva ainda a muralha com alguns cubelos e ameias, e a tórre de menagem. Deve entender-se que foi aqui dentro o primitivo Alandroal. O recinto não

¹ *Lusiadas*, VIII, 33 (ed. de Epiphânio Dias). — Acêrea de *Landroal* e da formação da palavra vid. o que escrevi nas *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa 1911, p. 474-475. Esta fôrma e ainda correntíssima na bôca do povo do concelho, a par de *Alandroal*.

abrange muito espaço, contudo encerra a igreja matriz, a *casa das almas* (de uma irmandade religiosa), dois edificios particulares, um cemiterio antigo, e um quintal.

Com o correr dos anos, a população desenvolveu-se e expandiu-se por fóra das muralhas.

Do castelo, e do burgo que assim se formou à sombra e sob a protecção d'ele, nasceu a vila, algumas de cujas casas estão encostadas à muralha, o que a fará conservar. O castelo liga-se com o resto da vila por duas portas ogivais, uma rasgada ao Nascente, outra ao Poente.

Visto que estou falando de edificações, direi que na praça ha uma fonte monumental, de que jorra abundante água por seis bicas, cada uma com sua carranca. Esta fonte, a que já em 1635 a *Relação do bispado de Elvas*, fl., 32, chama «notavel», tem um brasão de armas do sec. XVIII, o qual estava encimado de uma coroa real, que mãos sacrilegas, levadas de injustificavel furor iconoclastico, mutilaram cruelmente em 1910. Às bicas dá o povo nomes, que porém variam na tradição: *bica de Santo Antonio, de S. João, de S. Pedro, do Rei, das Feiticeiras, dos Namorados*; na das Feiticeiras não só ha repugnancia em beber, mas em recolher água; a dos namorados é a que deita menos, e por isso a preferem as môças, que aí conversam mais tempo com os seus rapazes enquanto as cantarinhas se enchem. A posição da fonte, de um lado acompanhada de olaias, que na Primavera alegram tudo com o brilho de suas flores vermelhas, e do outro ao pé de um freixo taludo, que ennobrece o lugar com o pêso de seus anos, contribue para que a Musa popular, inspirando-se em patrioticos sentimentos, diga:

Bonita cidade é Elvas,
Que tem Badajoz de frente:
Mais bonito é Landroal,
Que tem seis bicas na fonte.

A vila do Landroal,
De pequena, mete graça:
Tem uma fonte no meio
Q' dá de beber a quem passa¹.

Que pena, que no encanto trazido à fonte pela arte, pela poesia e pela Natureza, ponha uma nodoa atroz a quebradura da corôa! Ha pessoas de imprudente pensar, para não dizer de apagado intellecto, que entendem que com o derruir violentamente um monumento an-

¹ Esta cantiga, conquânto applicada ao Alandroal, tem variantes por todo o país, applicadas a várias terras. O mesmo acontece com muitas outras de caracter local, para não dizer talvez com a maxima ou quasi totalidade d'elas.

tigo, por modesto que pareça, derruem de vez o passado, e que com isso imprimem maior fôrça a uma instituição vigente: como se no passado não estivesse a gestação do futuro, e não fôsse por mero acto do espirito, resultante de elaboração longa, que se aceitam as ideas radicais! Provavelmente, para honra da vila, uma futura camara mandará reparar o monumento, pois não será com a restauração da fonte do Alandroal que a politica portugueza perigará.

3 de Abril de 1915.—Acompanhado do Sr. Belo e de outro seu primo, o Dr. Antonio Vitorino, fui a Bencatel e Vila Viçosa, terras ambas elas archeologicamente muito minhas conhecidas¹. Em Bencatel colhi varios artefactos ethnograficos (copeiro, caixa de cortiça), e três bons machados neolíticos. Em Vila Viçosa o Sr. Antonio Pereira da Nóbrega, a quem o Museu Ethnologico já devia a posse de alguns importantes objectos archeologicos², brindou-me com duas cunhas prehistoricas, de bronze, provenientes de Idanha a Nova, onde tem propriedades; além d'isso, visitei o monetário do Sr. Coronel Antonio Augusto Garcia, e a collecção ceramica de seu filho o Sr. Tenente Antonio Elias Garcia, que me ofereceu um painel de madeira, que representa a Senhora da Conceição, de relêvo, e oito machados de pedra dos arredores de Elvas, e me facilitou a compra que fiz de algumas ferragens antigas em casa de um negociante (quatro espelhos de porta, artisticos, um espelho de ferro, tambem artistico, de movel, um par de estribos, um estribo avulso, um freio, uma tesoura artistica de cortar o murrão às velas, uma fa-texa de tirar objectos caídos em poços).

4 de Abril de 1915.—Neste dia, que era Domingo de Pascoa, proporcionou-me o Sr. Belo e sua Ex.^{ma} esposa, a Sr.^a D. Mariana de Sousa Rosado Belo, uma util e agradavel excursão à aldeia do Rosario. Saímos do Alandroal, depois do meio-dia, e tomámos a estrada municipal, aos pedaços ladeada de eucaliptos e de olaias floridas. De uma e outra banda avistam-se *montes*, que com sua cal branca vivificam a paisagem, de si muito nua.

Parámos em alguns, à procura de objectos que pudessem servir para o Museu. Já noutros meus trabalhos me tenho referido à limpeza e arranjo do interior das casas alentejanas: na sala de entrada vê-se sempre uma mesa enfeitada com bugiangas artisticas; das pa-

¹ Vid.: *Religiões*, III, 256-257; e *O Arch. Port.*, III, 129 sgs.

² Vid. o meu livro *De Campolide a Melrose*, Lisboa 1915, p. 27.

redes pendem quadros ou espelhos; a cozinha é um museu de Etnografia: faiança colorida (geralmente de fábrica coimbrã), estendida com o *arame* num friso ou *cimalha*, que umas vezes faz parte do *pano* da chaminé, outras está fronteiro a ela; a *cantareira* (ou conjunto de louça comum, disposta por tamanhos no *poial* dos cantaros, e detrás d'estes)¹; a *estancheira*; o *copeiro* recortado; a *garfeira*; uma mesinha baixa para a comida; bancos de troncos de árvores (chamados *cavalos* ou *burros*); *tropêços* de cortiça no chão para as crianças se sentarem ao lume. Êste alinhamento fisico está de acôrdo com o character dos Alentejanos, de ordinario pautados e sinceros no que dizem e fazem². Uma cantiga popular sintetiza perfeitamente as duas qualidades a que me refiro:

Nas terras do Alentejo
 Ê tudo tam asseado!
 As casas e os corações
 Sempre tudo anda lavado!³.

Após termos passado à vista do Cabeço do Mouro, que fica à direita da estrada, e sobresá a todos os outros cabeços que o avizinham, chegámos à Aldeia Nova do Curralinho, *terminus* da nossa excursão, porque aí está o *Rosario*, isto é, a igreja da Senhora do Rosario. A aldeia era primitivamente uma herdade, chamada *dos Curralinhos*. O dono vendeu talhões em parte da mesma, e neles se levantaram casas ou *montes*, mais de uma duzia, que alvejam a pouca distância uns dos outros, cada um geralmente com seu *quinchoso* ou seu *hortejo*⁴. Um dos *montes* denomina-se *do Seculo*, por ter sido construído no primeiro ano do sec. xx. Ao conjunto dos *montes* chamou o povo, pouco a pouco, *Aldeia Nova dos Curralinhos*, a qual tomou como orago a Senhora do Rosario, cujo templo já existia. Temos aqui um dos modos como se formam as povoações do Sul, e como lhes vem a denominação. A palavra *Nova* significa «recente», «formado de fresco». Assim deve ter-se tambem criado o nome do Montemor-o-Novo; depois de criado êste, o outro Montemor, na Beira, passou a ser o *Velho*.

Como na ocasião da nossa visita um amigo do Sr. Belo me dissesse que na herdade das Bôlhas, que jaz a uns 200 metros, e à vista,

¹ Note-se a acepção que aqui tem a palavra *cantareira*.

² Cf. *Rev. Lusitana*, III, 220.

³ A. Tomás Pires, *Cantos popul.*, t. IV, p. 326, n.º 9731.

⁴ O *hortejo* é maior que o *quinchoso*.

da igreja do Rosario, junto da estrada, à direita de quem vai do Alandroal, tinha aparecido uma sepultura antiga, corri logo lá com o meu companheiro, e eis o que observei. Num alto havia efectivamente uma sepultura, que fôra aberta na rocha (xisto): de fôrma sub-rectangular, com os topos na direcção de E.-O.; nem os topos nem os lados eram bem apurados, por causa da dureza da rocha, mas pode dizer-se que a sepultura obedecia à forma rectangular. Quando ela appareceu, os camponios violaram-na, e acharam carvões, vasilhas de barro, e uma haste de ferro angular. Esta obtive-a de um d'elles, e as vasilhas, feitas cacos, estavam dispersas no entulho, cá fora, onde apanhei pedaços que permitem restaurar algumas: eram pucaros e pratos romanos, de fabrico semelhante a outros que colhi em Sousel em 1914. Mande limpar completamente a sepultura, e extraí uns 60 a 80 litros de terra negra com carvões miudos, e nela outros pedaços de carvão maiores. A sepultura estava tapada com uma lage, tambem de xisto, a qual mede $1^m,18 \times 0^m,87$ (largura maior) $\times 0^m,08$. Depois de limpa a sepultura, medi-a, e obtive estas dimensões: comprimento $1^m,16$; largura $0^m,39$ a $0^m,40$; profundidade $0^m,67$.—Do que fica dito conclue-se que na sepultura se praticára o rito de incineração. A haste de ferro parece-se com as que, postas de través, serviam para amparar as tampas das sepulturas¹. É provavel que na mesma propriedade haja outras sepulturas, e valerá a pena fazer excavações.

Na povoação obtive alguns objectos ethnograficos (caixa de cortiça com ornatos, *cornas* e *polvorinho* bordados, *cacheirinha*, *roca*, *pintura* ou *pintadeira*, de pau, ornada de uma estrêla de seis raios), e uma fivela lusitana de bronze, achada nas margens do Guadiana (herdade de S. Ildefonso, concelho do Alandroal).

Para terminar o que tinha de dizer da excursão ao Rosario, referirei que é lá costume cortar aos ramos bentos que vem da igreja, depois da procissão do domingo de Ramos, pernadinhas de alecrim que metem crucialmente num tubo de cana; das cruzes assim formadas penduram umas nas paredes exteriores das casas, por cima e ao lado das portas de entrada, e outras espetam-nas nas searas. Vi no Rosario varios exemplos, por isso que o domingo de Ramos tinha passado pouco antes, e informei-me de que o mesmo costume existe noutras terras do concelho do Alandroal. À virtude profilática do *ramo bento*² junta-se aqui a que provém da fôrma de cruz: o

¹ Vid. *Religiões*, III, 378, e os lugares lá citados.

² Cf. *Tradições pop. de Portugal*, Porto 1882, p. 64.

colocar-se a cruz ao pé da porta depende de ser esta a entrada natural dos espiritos maus, que o alecrim tem por fim evitar; a cruz posta nas searas é tambem para as proteger de influências nefastas.

5 e 6 de Abril de 1915.—Descansei, fiz algumas buscas e observações ethnograficas na vila, e estive na feira de S. Bento e na capela da Senhora da Consolação.

Objectos obtidos: um machado prehistorico de fibrolite; outro machado de pedra, de ao pé de Portel, oferecido pelo Sr. Gregorio dos Santos Carreto, dos Montes Agudos (Alandroal); um colunelo de marmore, e moedas de cobre do sec. iv, tudo proveniente do local do mosaico lusitano-romano de Santa Vitoria do Ameixial, e oferecido pelo Sr. Dr. Afonso de Amorim, médico municipal no Alandroal; várias *pintadeiras dos bôlos* (tambem chamadas *formas dos bôlos e pinturas*), uma d'elas feita de um badalo de chocalho, outra constituída por quatro argolas feitas de uma só peça (oferta da Ex.^{ma} Sr.^a D. Mariana Belo)¹, varios *ganchos da meia*, de diferentes fôrmas e substâncias (botinha *bordada*, de buxo; botinha com um sino-saimão de cada lado, contornado de pontos, ou «cinco chagas»; gancho feito de «osso» de peixe, *bordado*; gancho formado de muitas peças feitas de um único pedaço de madeira, como a *pintura* de que falei acima: o último foi oferecido pela Sr.^a D. Mariana Belo); *ferramenta* de um *esparraqueiro* (individuo que apanha espargos nos campos e os vende pelas portas); rosario de bolotas novas de azinho, que serve no Entrudo (oferta do Rev. Manuel Esteves); imagem de S. José, de pau, feita por um curioso; feragens oferecidas pelo Sr. Joaquim José Alferes (*candeio* de lagar, freio antigo, coleiras de cão, uma d'elas provida de *facas e bicos* para o animal se defender dos lobos, que d'antes abundavam por estes sitios)²; *latão* (caixa ou marmita cordiforme, de lata, com dois compartimentos, um para carne, outro para peixe); três colhéres de bronze, antigas; pia de ágoa benta, de faiança antiga; açucareiro da mesma substância (falta a tampa); copo de corno, antigo; *ralador* de lata (para ralar pão, batatas, etc.); *cacheiro*, de azinho; roca de fiar³; duas fôrmas de lata, para bolos; amuleto de caroço de

¹ Tem ornatos, que se imprimem na massa dos bôlos antes de estes irem ao fôrno.

² A tais coleiras chamam *armas de cão de gado*.

³ Eis os nomes das diversas partes da roca no Alandroal (noutras terras de Portugal os nomes variam): *carapulo* (de «alandro»), o extremo superior; *rocaís*

tamara; denario de Trajano, oferecido pelo Sr. João Cisneiros; várias moedas portuguesas de prata; várias moedas portuguesas de cobre, dos secs. XVIII e XIX, oferecidas pelo Sr. Joaquim Diogo Morte; uma colhér de pau, ornamentada, com a data de «1910»; cabaça de Lourenço Marques, também ornamentada; livro com ex-libris externo; outro com ex-libris de Correia da Serra (carimbo); *Constitutiones* de Santo Agostinho, Lisboa 1700; livro com carimbo da Livraria de Xabregas; *Constituições* arquiiepiscopais de Evora.

Alguns dos objectos de que falei obtive-os na feira de S. Bento, que, como todas, dá azo a que se colham muitas informações de Etnografia. No dia da feira vem muita gente à vila. Apenas rompe a manhã,

começam a ondear pelas ruas rebanhos de gado lanigero, divididos em companhias, cada uma d'elas comandada por um pastor, de *cacheira* em punho, o qual berra e assobia; passam boiadas loiras, levando os bois ao pescoço grandes chocalhos ou *mangas*, que estrugem tudo, com som pausado, como de sinos que dobrassem a defuntos; encorpados Alentejanos, de chapéu àbeirão na cabeça, palidos, seguem atrás, ou a cavalo, com a manta de lã na garupa e uma *bengala* pendente no braço por uma correia, ou a pé, de capote traçado no ombro, e *bordão* na mão calosa. A feira tem dois momentos: um até o meio dia, — é a feira dos bois; outro, de tarde, — feira geral de quinilharias e cerâmica. Vêem-se barracas de lona, com vinho e comidas; estendais de objectos de lata, manufacturados em Vila Viçosa, entre os quais não faltam os que

servem para o fabrico de bôlos, de que os Alentejanos são muito gulosos, — latinhas ou *fôrmas*, e taboleiros; loiça do Redondo, ou *loiça toscã*, de numerosos feitios, *barranhões*, *planganas*, *tegelas de fogo*,



Fig. 3

(de cana), a parte principal da roca, onde se coloca o linho (usa-se o plural, por serem dois); *cabo* (de «alandro»), a extremidade inferior; *rôlhas* (de cortiça), os discos que dilatam os rocais. Incidentalmente direi que a parte do fuso em que se torce o fio tem o nome de *maieça*; à extremidade ou disco inferior (a que noutras partes do Sul chamam *cossoiro*) não ouvi aqui dar nome.

ferrados, bicados, cangirões; faiança de Coimbra, ou *loíça ratinha*, travéssas pintadas de flôres e aves, *seladeiras*, pratos *de puxar* ou rasos, pratos *de sopa* ou côvos. A feira faz-se em um terreiro vistoso, onde se ergue a ermida de S. Bento, precedida de um *adro* ou «alpendre», e toda ela muito enfeitada e fresca,—rosas nos altares, e vasos com flores de cizirão e ramos de tremoceiros à entrada da capela-mor.

Na adjunta gravura (fig. 3) representa, segundo uma fotografia, um *ajuda* de pastor alentejano, de alfôrje ao ombro, *cajado* na mão direita, chapéu de pano, de aba larga (ou *àbeirão*), *çafões*, *jaqueta* e *cinta*.

No Alandroal, como noutras localidades alentejanas, o vinho guarda-se em talhas de barro, de 1^m,46 de altura e 0^m,54 de diâmetro na bôca; são *empezgadas* por dentro com pez negro, e tem às vezes no bôjo o nome do fabricante, a data do fabrico, ou um simbolo mágico-religioso («sino-saimão dobrado» com uma cruz ao centro), como se vê na fig. 4¹. O protótipo destas talhas está nos dolios romanos.

A capela da Senhora da Consolação, caiada e alegre, fica num arrabalde da vila, e chama a atenção de quem passa, quer, por estar entre campos, quer, e muito especialmente, pela linda ogiva da sua porta principal. Na capela-mor se sepultou o seu fundador²,—nada menos que Diogo Lopes de Sequeira, 3.º governador da Índia, de quem cantou o Poeta:

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera tí, grande Imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçú com cisternas de agoa cheas
Verá e o porto Arquico ali vizinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas³.

Esta glória portuguesa jaz numa campa rasa, sem brasão, e apenas com um epitáfio, de letra gotica, inculpido em toda a volta da pedra. A pedra é rectangular, e a inscrição deixa livre ao meio um es-

¹ No Museu de Castelo-Branco ha uma talha analoga em que se lê (letra gotica) *de myll mxxv (=1525) anos*. Não tem porém simbolo nenhum.

² Vid. *Relação do bispado de Elvas* pelo D.^o Gonçalves de Moraes, Lisboa 1635, fls. 33.

³ *Lusiadas*, x, 52.

paço muito grande, como se aí houvesse de se insculpir um brasão, que não chegou a insculpir-se. Conquanto eu já por vezes tivesse estado na capela, nunca havia copiado a inscrição, e por isso a copiei, e aqui a reproduzo. A minha cópia está exacta, e por isso difere um pouco da que vem n-*O Arch. Port.*, II, 139 (*Memorias parochiaes*), e em Teixeira de Aragão, *Moedas de Portugal*, III (1880), 120. Ei-la: *Aqy · iaz · d.º lopez · desyqueyra · do · comselho · delrei · nofo · fõr he¹jeu · almotacelmor · he¹capitã · mor · q̄ · foy · daimdaa² · f.º de lopo vaz deseñ · he¹dedona · seziliademenezes faleceo · de · lx · iiij · anos naerademil · v^c · trinta · anos · a · xiiii · dias · domes deoitubro³.*

Não ha no Alandroal nenhum largo ou rua que tenha o nome do heroi. De certo valeria a pena que êle figurasse ao menos ao pé de algum dos que se lêem nas esquinas. Nisto de bätizar as ruas e as praças cometem-se muitos abusos e bajulações. Eu por mim entendo que os nomes devem ser sempre de pessoas verdadeiramente notaveis, e já falecidas, e além d'isso escritos em português, porque não raro neles, sem excluir os de Lisboa, formigam erros de gramatica ou de ortografia. Tambem entendo que não devem mudar-sê, senão em circunstâncias especiais, os nomes antigos; dêem-se nomes novos, em geral, só a ruas novas!

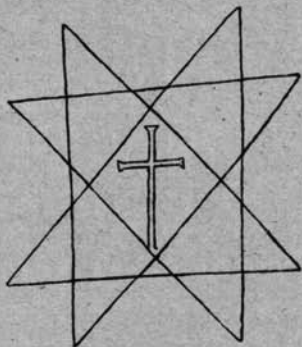


Fig. 4

7 de Abril de 1915.—O dia foi empregado por inteiro numa excursão a Terena. Acompanhou-me o Sr. Belo, e o seu amigo o Sr. José Coelho Paiva, administrador do concelho do Alandroal, o qual muito nos obsequiou em Terena, sua residência.

Parte do tempo seguimos por estrada macadame, e outra por entre azinhais, e entre searas de trigo, que verdejavam. Logo adiante do Alandroal detivemo-nos um instante na herdade da *Fonte Santa*, denominação que evoca antigos cultos: cf. *Arch. Port.*, x, 343. De-

¹ = e, ortografia antiga.

² = India = Índia. Engano do lapicida.

³ Há aqui formas curiosas da linguagem do sec. XVI, a que Aragão não atendeu: *Syqueyra* (a par de *Señ*), *almotacel*, *Sezilia* (= Cezília, como ainda hoje diz o povo), *oitubro*. Algumas das letras formam nexos (*d* com *e*, *h* com *e*). Nem a todas as palavras se seguem pontos.

pois de atravessarmos o rio Luçafece, que na ocasião levava muita água, e onde o nosso trem se ia atolando¹, chegámos à igreja acastelada da Senhora da Boa Nova: vid. a descrição d'ela no citado volume d-*O Arch. Port.*, p. 338 sgs. (artigo de Câmara Manuel).

Na capela-mor, do lado do Evangelho está embutida uma lápide com inscrição romana, que tem sido várias vezes copiada, umas com, outras sem exactidão². Também eu a copiei, e creio que com fidelidade: vid. aqui em baixo. A primeira palavra, *Sitnia*, está por *Sitonia*,

S I T N I A Q F
V I C T O R I N A
I X · V I S V Q : S I T
O N I I I Q V I I S I R I S
P A T R I S · S V I E N
D O V E L I C O P · C

como se vê do gentilicio do pai, que é *Sitonius*. O cognome d'êste é I I Q V I I S I R I S = *Equestris*. Trata-se aqui de um sonho de Quinto Sítonio, em virtude do qual a filha consagrou um monumento ao deus Endovelico. Deve entender-se que o devoto, vendo-se affito numa doença ou noutra caso grave, recorreu ao deus, e êste o ouviu, e lhe inspirou em sonhos o que devia fazer³. A lápide foi evidentemente

¹ N-*O Arch. Port.*, x, 342, n. 1, disse eu, ao citar uns versos de Afonso o Sabio (sec. XIII) respeitantes à região onde passa o Luçafece, que foi pena que o rei não declarasse o nome do rio, pois poderíamos assim conhecer alguma fôrma antiga d'ele. O meu desejo é satisfeito por um documento latino contemporaneo, o foral de Terena (1262), existente na Tôrre do Tombo (*Livro dos foraes-velhos*, fls. 146 v): ai se lê duas vezes *udialuivez*, palavra que corresponde a *udialuivez* (o manuserito tem *a* por *ei*), e que decompõho em *udi Aluicivez*; o primeiro elemento, que corresponde a *odi-* em *Odiana*, é de origem arabica, e significa «rio»; no nosso caso está empregado como vocabulo da lingua comum (até talvez *Aluicivez* possa tambem decompôr-se em *Al-uicivez*, sendo *al* o artigo arabico). De *Aluicivez*, por apocope usal do *a-*, redução normal de *ui* a *u*, etc., passou-se para *Luçafece*, como se lê no foral de 1514, que existe no arquivo da Camara do Alandroal: *rribeira* (e *rrebcira*) de *Luçafece*; a mesma fôrma se lê na *Relação do bispado de Elvas*, fl. 32. Actualmente, embora se escreva *Luçafece*, o povo pronuncia *Luçaféce*.—Do que fica dito a cima, vê-se que o arabe, pelo menos em parte, era ainda entendido naquella região do Alentejo por 1262.

² Podem estabelecer-se três aforismos no estudo da Epigrafia: rara será a inscrição romana que não dê um ensinamento; que não contenha uma dificuldade de leitura ou de interpretação; e que logo à primeira seja bem copiada!

³ Vid. o que escrevi a êste proposito nas *Religiões*, II, 142 (capitulo de Endovelico).

para ali levada de S. Miguel da Mota. Na parede exterior da Boa-Nova existia outra, que por diligências do Sr. Prior, o Rev.^o Isidoro Henriques Ferreira Duque, e da Junta de Paróquia de Terena, pertence hoje ao Museu Etnologico.

Juntos com estes ex-votos antigos, que estão por acaso aqui, ha outros modernos, consagrados à Senhora da Boa-Nova: paineis, figuras de cera e gargantilhas. Muitos dos paineis são de fôlha (lata), e foram pintados por um José da Quinta, pintor do Redondo, falecido ha anos. Da Senhora da Boa-Nova canta o povo muitas cantigas, como:

Senhora da Boa Nova
Tem (u)ma cruz numa ladeira,
A igreja numa cova,
E mais abaixo a ribeira.

Senhora da Boa Nova,
Quero-lhe pedir com tempo,
No dia da sua festa
Não chova nem faça vento.

A primeira é rigorosamente exacta na descrição. A segunda funda-se na mesma concepção mental que levou Quinto Sítonio a fazer uma promessa a Endovelico; em um intervalo de dezoito a vinte seculos, que tantos são os que medeiam entre a epoca de Endovelico e a (actual) da Senhora da Boa-Nova, o espirito do povo não mudou!

Terena dista pouco da Boa-Nova. Esta povoação foi vila, séde de um senhorio, de um condado e de um marquesado. Hoje vegeta em grande decadencia. Na extremidade setentrional avultam ainda os restos de um castelo, que, em antigas eras, como outros da fronteira, arreganhou os dentes à Hespanha. A casa da camara serve de hospital. De frente, no meio da praça, ergue-se um pelourinho, com fuste de xisto, mas com base e capitel de marmore, que creio que foram adaptados de outra obra para esta; em cima do capitel pousa uma esfera armilar. Na igreja vêem-se várias campas rasas, com inscrições, de 1557, 1604, etc., e entre elas uma, sem dúvida do sec XVI, em que se lê esta mal metrificada quintilha:

AQUI JAZ ALV.^o GLZ BARAÕ
DEBAIXO DESTA PEDRA FRIA,
O QUAL NUMQUA PERDOOU A LADRAÕ.
POR SUA ALMA HUA AVE-MARIA
PEDE A TODO FIEL CRRHISTAÕ.

Vê-se que dorme nela um chalaceador, que nem depois de morto quis que se estancasse a sua veia facêta. Ha por todo o Portugal muitas inscrições funebres neste gôsto. Com elas existem outras que, conquanto não fôessem destinadas a fazer rir, produzem êsse efeito,

por serem compostas por pessoas de infima instrução, que aí deixaram provas de insciência¹.

Com o auxílio dos Srs. Belo, Coelho e Prior Ferreira Duque, obtive em Terena os seguintes objectos para o Museu Etnologico: cinco machados neolíticos, dos arredores; várias moedas de cobre, e uma de prata, portuguesas, — oferta do Sr. Antonio José Amaral; uma fosforeira cordiforme de cortiça, três *pintadeiras* ornamentadas, quatro fusos (alguns d'êles com cossoiros artisticos), uma colhér de chifre com enfeites lineares, uma caixinha de madeira com «bordados», e um «anexim» formado de bolotas para andar pendurado na corrente do relógio², — tudo isto obra de ganadeiros.

8 de Abril de 1915.—Destinei o dia no Alandroal a visitas, e a encaixotar os objectos que coligira.

9 de Abril de 1915.—Parti de madrugada para Lisboa.

II

Pascoa de 1916

Por convite do meu amigo José Veladas da Silveira Belo, voltei ao Alandroal nas férias pascoais de 1916. De Lisboa até lá segui o mesmo itinerario de 1915. Depois a distribuição do tempo foi semelhante em parte à do da excursão anterior, em parte foi diversa.

13 de Abril de 1916.—Em Evora a minha estada durou apenas umas horas, porque, por ser dia de feira, não encontrei quarto comodo em que ficasse. Adquiri os seguintes objectos para o Museu Etnologico: treze instrumentos prehistoricos de pedra polida; duas arrecadinhas de ouro, muito antigas, uma d'elas com lavoires espirali-

¹ Em 1883 copiei num cemiterio do Norte um epitafio moderno, um tanto comico, e escrevi nessa ocasião o seguinte num caderno que conservo inedito: «Ninguem ainda, que eu saiba, se deu ao trabalho de escrever sôbre *literatura funeraria* em Portugal: os epitafios, os necrologios e as cartas de entêrro presentavam-se realmente a curiosissimas considerações». Por uma informação particular que me deram em Setembro de 1914 sei que ha agora uma pessoa do Minho que se dedica a recolher elementos para o estudo da referida literatura; oxalá apareça em breve a lume o trabalho respectivo.— Na secção etnografica do Museu Etnologico guardam-se algumas cartas de entêrro.

² Além da significação antiga de «proverbio», a palavra *anexim* tem nesta região do Alentejo as de 1) alcunha, e 2) berloque, gancho da meia, pendente de relógio etc. «Este ganadêro é munto bom para *anexins*», isto é, sâbe fazer essas cousas muito bem. Na segunda acepção dizem em Extremoz *denguice*.

formas; um anel romano de ouro, da Igrejinha, região d'onde ha no Museu Etnologico bastantes objectos da mesma epoca; uma moeda arabica, tambem de ouro; duas moedas de prata de D. João III; três molduras com *registos* (imagens de santos); três *balões* de iluminação; um *cramoeiro* ou *caramoeiro*, rêde de pescar peixe nas *ribeiras* alentejanas (boga, pardelha, bordalo, etc.), fabricada em Evora¹. — À noite parti para Estremôz.

14 de Abril de 1916.—Fiz algumas obervações e buscas. Na igreja de S. Francisco existe um curioso sarcofago de pedra do sec. xv, com esculpturas: vid. fig. 5. De uma inscrição do sec. xviii,



Fig. 5

gravada junto d'ele na parede, consta que ali se sepultara **VASQVO ESTEVES D GATVS**, instituidor de uma capela no convento em 1401. A parte anterior do sarcofago representa, entre dois brasões da familia dos Gatos, uma caçada num bosque (como noutros tumulos medievais, por exemplo num do mosteiro de S. João de Tarouca, ora no Museu de Lamego): cavaleiro com um falcão na mão esquerda,

¹ É de fôrma conica, e consta de: aro de arame (base do cone) com a respectiva péga; *bolsa*, ou rêde propriamente dita; e *bábula* (valvula), ou pêso de chumbo, no vertice do cone. Usa-se por todo o distrito.—A palavra *cramoeiro* está por *camaroeiro*: esta deriva de *camarão*, visto que o aparelho tambem serve para a pesca de camarões (cf. Baldaque da Silva, *Estado das pescas em Portugal*, Lisboa 1908, p. 488); a palavra depois generalizou-se.

e acompanhado de dois peões, um encostado a uma lança, e no acto de tocar buzina, o outro com uma especie de barril levado ao tiracolo; aves pousadas em árvores; um porco perseguido por três cães, dois dos quais o filam. A parte posterior, como está encostada à parede, não se sabe se é lisa ou não. Os topos são lisos. Na tampa vê-se insculpido um guerreiro deitado de costas, de cabeça monstruosa, descoberto, de barba e bigode, o qual guerreiro segura com as duas mãos sobre o abdomen uma espada de bainha ornamentada e punho cruciforme, que tem figurado um gato na maçã (alusão ao nome); de cada lado do guerreiro havia um anjo que o turibulava com a dextra, ao mesmo tempo que com a outra mão pegava na naveta, mas falta já o da direita. O tumulo pousa em dois quadrupedes, de que só se avistam as cabeças e as patas; por baixo d'elles estão ainda outras cabeças.— Na scena de caça figurada na parte anterior do sarcofago (scena dupla: *falcoaria* e *montaria*) temos um dos mais queridos divertimentos dos fidalgos de outros tempos:

Aprovada antigamente
Foi, e muito de louvar,
A occupação do caçar,
E da mais antiga gente
Havida por singular.
He o mais contrário officio
Que teê a ociosidade,

Mãe de todo o bruto vicio:
Por este limpo exercicio
Se reserva a castidade.
Este dos grandes senhores
Foi sempre muito estimado;
E he grande parte do estado
Ter monteiros, caçadores,

Como officio que he prezado¹.

Tambem Severim de Faria nos seus *Discursos varios* consagra um à exposição das condições com que ele entende que seja louvável o exercicio da caça². Não se poderá falar de caçadas antigas sem se citar o que d'elas diz com tanta erudição a Senhora D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusitana*, XIII, 149 sgs. Vid. a êste proposito mais o seguinte: *Provas da Hist. Genealog.* II, 507 (Lourenço de Cáceres), e os meus *Textos Archaicos*, 2.^a ed., p. 54 sgs., bem como as obras lá citadas.

Noutras sepulturas da mesma igreja de S. Francisco de Estremóz colhi, em epitafios, varias expressões dignas de nota, como *Jorze*, *Barbora*, *manistradores* (= administradores), *Ignes Mouzinha*³, todas

¹ Camões, Auto de *Filodema*, act. I, sc. 8 (na ed. do V. de Jurumenha, t. IV, pp. 344-345).

² Ed. de Évora, 1624 (a 1.^a), fls. 136 ss.

³ Na nossa lingua familiar é costume em certos casos dar a um nome originariamente masculino fórma feminina, quando se refere a mulheres. Esta *Mouzinha* deve ser parenta chegada de um *Mouzinho*. Cf.: *Isabel Pinheira*, seq. XVI, no

elas da linguagem popular. — O Senhor dos Passos, que tem nesta igreja uma capela especial, é muito venerado dos fieis que aí depositam ex-votos de várias classes, como: 1) *milagres de cera* (cabeças, pernas, braços, etc.); 2) *ramos* de flores artificiais; 3) *tranças de cabelo*; 4) *retabulos* (latão e madeira) com pinturas que representam curas maravilhosas operadas por Cristo (em todas as pinturas figura ele na sua tradicional e tragica posição, com um joelho fincado em terra, e o pesado madeiro da cruz ao ombro).

Uma das notabilidades de Estremôz, a par com muitas outras de que não posso aqui falar, é, no que toca á Etnografia, o *tanque*, amplo e rico de água, no Largo do Rossio de S. Brás. Tem ao centro uma fonte de quatro bicas (carrancas) encimada de um pedestal em que pousa uma imaginosa estátua do Tempo: figura de velho, alada e barbada, cabeça calva adiante e com abundante cabelo caído sobre as fontes e na nuca; está envolta num manto, e empunha na dextra a característica *falx*, com que Saturno presidia aos campos e ceifava as vidas dos homens. Na base da fonte lê-se a seguinte quadra, que serve de comentário à figura (uma e outra talvez do sec. XVIII):

Corre o tempo velozmente:
Nós também, da mesma sorte,
Correndo vamos para a morte,
Como as aguas da corrente,

quadra que no seu conceito se assemelha a outros letreiros fontana-
rios que publiquei n-*O Archeologo*, II, 249¹. O povo, que tudo observa
a seu modo (isto é, dentro do circuito de ideas em que vegeta), é que
tudo sem mercê caustica, denomina *gadanha* a *falx*, por ser analogo
à que se usa para segar o feno, e que assim se chama na linguagem
do Alentejo: do nome do instrumento deduziu o da estátua, e o mesmo
nome lhe serviu *ipso facto* para alcunhar a vila. Logo, o personagem
que avulta no meio do tanque, e domina as águas em tórno, ficou
sendo o *Gadanha* (por o *da Gadanha*), e Estremôz perifrasticamente
a terra do Gadanha! Estas pitorescas metonimias ganharam terreno,

Archivo Hist. Port., II, 22 e 104; *Theresa Machada*, sec. XVII, que li numa sepul-
tura em Cela (Coimbra); e sei de muitos outros, *Moirôa*, *Padra*, *Bota*, *Falcoa*,
Draga, *Pacheca*, *Perestrella*, *Simoa*, *Cardosa*, etc., que tenho collido em documen-
tos ou no lexico popular. Quanto à idade-média, vid. Godoy Alcántara, *Apellidos*
Castellanos, Madrid 1871, p. 68.

¹ À foice e asas do Tempo (em geral) se referem também ás vezes os poetas
classicos: cf., por exemplo, *Poesias* de Almeno, t. II, Lisboa 1815, p. 91.

e até por longe inspiraram cantigas como (transcrevo-as tais quais as ouvi):

Quando a Estremôz cheguei,
Ao lago me fui lavar:
Cinco sentidos que tinha
Ao Gadanha os fui entregar.

Mandei uma carta ao Gadanha,
Com sobrescrito doirado:
Ó amor, tu já tens fama
De ser o meu namorado!

Adeus, amigo Gadanha,
Que stás no lago d'Estremôz:
Deixa-te estar, que estás bem,
E bem haja quem te lá pôs!

Não ha acontecimento palpitante, monumento singular, abalo do fóro íntimo, que escape à veia poetica do povo, ou ela haja de se expandir em melancolicos arroubos liricos, ou de se desatar em risadas, como aqui¹.

Em Estremôz obtive para o museu os seguintes objectos: sete machados de pedra polida, prehistoricos, que me fóram oferecidos pelo benemerito Inspector escolar o Sr. Rafael dos Santos Grincho, a quem já me referi na precedente noticia (são dos concelhos de Estremôz, Borba e Alandroal); dois amuletos semilunares de prata e uma moeda do sec. XVII, tambem de prata, por oferta do Sr. Constantino José Pavia, ourives; um «grave» (moeda) de D. Fernando e uma moeda de «10 reis» do sec. XVIII, por oferta do Sr. Emidio Viana, negociante; e obtive mais os seguintes objectos, por compra: cinco machados de pedra, prehistoricos; três moedas de prata do sec. XVIII; um vaso de faiança com a cruz de Malta (que pertenceu à botica do antigo convento das «Maltesas» de Estremôz); um registo com versos; um gancho da meia, de barro de Estremôz, pintado e envernizado²; um exemplar de encadernação antiga; uma caixa, à moda de capa de livro, destinada a conter um.

15 de Abril de 1916.—Pela manhã andei pela vila, pois Estremôz tem sêmpre muito que ver; além d'isso era dia de mercado,

¹ Sêgundo informações que me deu o Sr. Diogo de Sã de, a estátua do Gadanha, com a respectiva fonte e versos, esteve primeiramente no tanque da cêrca do convento dos frades da Congregação do Oratorio de Estremôz, e foi dada em 1852 à Camara Municipal por José Rodrigues Tocha para ser colocada onde agora está. A data de «1852», que se lê na fonte, indica a epoca da colocação do monumento dentro do lago.

² É do mesmo tipo a que se refere Luís Chaves, *Os barristas de Estremôz*, Lisboa 1916, p. 12.

e tive occasião de coligir varios vocabulos populares, relativos a objectos de uso. De tarde parti para o Alandroal, por Vila Viçosa; aqui me encontrei com o Sr. José Belo, em cuja casa eu ia hospedar-me, e com o Sr. Tenente Antonio Elias Garcia.

Em Vila Viçosa o Sr. Antonio Pereira da Nóbrega brindou-me com um machado de pedra, apparecido no castelo; e por compra obtive numa casa particular: um agulheiro grande e antigo, de «pau de fóra»; uma faca de marfim antiga, de cortar papel; um instrumento de fazer *penas* de escrever, de quando ainda não se usavam as de aço; um pucaro de barro vermelho, achado num poço de Vila Viçosa, e que supponho ser produto de uma antiga fábrica de Estremôz; um sinete metalico com o nome de uma vila alentejana; uma tegela e um prato romanos, de barro, cada um d'elles com um *graffito*, que diz FYR(*ius*).

16 de Abril de 1916.—Passei o dia no Alandroal. Como era *Domingo de Ramos*, assisti ao fim da missa. Muitas pessoas saíam da igreja com môlhadas de alecrim bento para d'ele fazerem cruzes destinadas a proteger de influências nefastas as casas e as searas,—costume a que aludi na parte 1.^a d'este artigo, quando falei do Rosario. Vê-se quão entranhadas estão ainda as superstições na alma popular. A propria gente do Sul, que passa por mais livre d'elas, as mantém vivissimas, por vezes, como aqui.

O resto do dia apliquei-o a descanso.

17 de Abril de 1916.—Voltei a Vila Viçosa, onde, com o auxilio do Sr. Tenente Garcia, obtive mais estes objectos: quinze machados neolíticos; dois vasilhos de barro da mesma epoca; três optimos vasos de vidro romanos; um instrumento de ferro da mesma epoca, vindo de Cabeço de Vide; um jôgo antigo de pesos de bronze portuguezes; uma fôrma metalica antiga, de fazer rebuçados; uma telha de barro antiga, com desenhos curvilineos; um par de estribos de ferro antigos. O mesmo Sr. Tenente, que não é só amador de cousas antigas, mas conhece bastante certos ramos da Archeologia nacional, e por isso gosta de favorecer o Museu Etnologico, ofereceu-me para êste várias miudezas literarias, e entre elas um quadro impresso em que se comparam as medidas antigas como as do sistema metrico decimal. Do Sr. Raul de Albuquerque do Amaral Cardoso, amigo do Sr. Tenente, recebi a dadiua de uma imagem de pedra, que representa a Senhora da Conceição, e que é espécime curioso, embora tôsko, de escultura popular antiga.

18 de Abril de 1916.—Como, por indicação do meu amigo P.^e Manuel Esteves, eu soubesse aqui em Lisboa que nas *Herdades*, nome por que são conhecidas as de Alcalate & Amarelo, situadas na freguesia do Rosario, concelho do Alandroal, havia aparecido uma inscrição romana e várias sepulturas, dirigi-me ao Ex.^{mo} Sr. Conde de Valençãs, filho da Ex.^{ma} Sr.^a Condessa de Valençãs, dona do terreno, e pedi autorização para aqui fazer escavações arqueologicas: os illustres titulares concederam-m'a imediatamente, e com toda a amabilidade; em virtude d'ela comecei os meus trabalhos no dia indicado. As *Herdades* ficam a 1 hora e meia do Alandroal, caminhando-se de trem. Na jornada e no trabalho gastei pois o dia inteiro.—Em artigo separado publicarei o relatorio das escavações.

19 de Abril de 1916.—Andei pelo campo, em companhia do meu amigo José Belo, e tomei muitas notas etnográficas acêrca da casa popular alentejana para juntar às que eu já possuía, collidas noutras ocasiões. O interior da casa alentejana distingue-se por três qualidades: arranjo, limpeza e arte. Não só não falta aí nada do que pode ser útil e comodo (o Alentejano dá grande aprêço à sua comodidade, e faz êle muito bem, tanto mais que torna participes d'ela os amigos!), mas tudo está sempre muito asseado, e os objectos de uso são freqüentemente artisticos ou estão dispostos com simetria. Na habitação de um camponês, aonde entrei, vi, por exemplo, num armario da louça os pratos encostados à parede, com um renque de garrafas adiante, dispostas por tamanhos, e junto da beira quatro tegelas emborcadas, tambem em fila, com limões pousados no fundo, os mais maduros ao centro, os menos nos extremos; a candeia pendia da parede, encostada a um papel triangular e recortado, que evitava que se manchasse a cal com o azeite.

Na herdade de S. Miguel da Mota, onde estive o santuario do deus Endovelico, tinham, havia tempo, os trabalhadores do Sr. Belo descoberto uma sepultura, e nela dois vasinhos de barro (pasta grosseira) de tipo prehistorico, os quais o mesmo meu amigo me guardou e ofereceu. Fui com ele ver o local. Êste fica ao meio da encosta do outeiro de S. Miguel, do lado do Poente, a distância de uns 600 metros do *monte* e do local do santuario. Segundo as informações que colhi, a sepultura era uma cista. Efectivamente havia lá várias lousas: duas, de 1^m,03 × 0^m,42 (*maximum*) × 0^m,04, e 1^m,14 × 0^m,42 × 0^m,05, que formariam os lados maiores; outra, de 1^m,26 × 0^m,78 × 0^m,03, que serviria de tampa; e algumas lousas pequenas que andavam soltas e partidas pelo chão, e formariam os topos; o

fundo da cista formava-o o chão natural. Descontando as abas ou *entregas* da tampa, isto é, a parte que sobressaía às paredes, o comprimento da sepultura regulava por 1 metro: não cabia pois nela um cadáver (de adulto) estendido; o que aí se enterrou, teria sido pôsto dobrado, como nas cistas algarvias do 1.º período da época do bronze¹, ao qual a de S. Miguel da Mota certamente também pertencia. No local não existe lousa nativa; existe porém a distância de 1 kilometro, e d'aí viria a que serviu para a construção da sepultura. — Mandei fazer escavações no proprio sitio em que me disseram que existia esta: não encontrei absolutamente nada, nem ossadas, nem qualquer resto de espolio.

A herdade de S. Miguel da Mota já era notavel por causa do santuario de Endovelico; a essa notabilidade grande acresce agora outra, embora mais modesta, advinda do achado da sepultura prehistorica. O individuo que jazeu enterrado na sepultura foi provavelmente um dos adoradores do velho deus, que, como eu suponho², o era do outeiro hoje chamado de «S. Miguel». Êste outeiro fórma um cone que avulta ao longe: ao Sul e ao Poente fica separado de outros outeiros e montanhas por vales em que correm respectivamente o Lucefece e um regato anonimo; ao Nascente e ao Norte estendem-se planicies largas. Assim separado das demais elevações, adquire aspecto um tanto singular, que concorreria para lhe dar o caracter sagrado de que gozou durante seculos. Num dos cabeços que o defrontam pelo Poente ha uma esplanada, a *Tapada de Alva*, onde, ao que me contam, se divisam vestigios de paredes, e aparecem cacos de teijolo grosso romano e de tegulas. Vê-se que aquelas solidões, onde agora só crescem azinheiras e trigo, e ha um unico *monte* ou casa de herdade que as domina, foram mais povoadas em tempos idos do que no presente.

20 de Abril de 1916. — Continuei as escavações do cemiterio romano de Alcalate. Nos intervalos ouvi um cantador recitar poesias populares que me deram assunto para um artigo que dias depois escrevi, e se publicou em Elvas num opusculo intitulado «*Cantigas quadradas*».

21 de Abril de 1916. — Estive adoentado, e choveu: por isso não saí do Alandroal, onde porém obtive alguns objectos: uma moeda

¹ Santos Rocha, *Idade do cobre*, Figueira 1911, pp. 66, 70, etc.

² *Religiões da Lusitania*, II, 145.

de bronze do imperador romano *Philippus* Senior, achada nos arredores do Alandroal; um denario de *Antoninus*, achado *ibidem*, e oferecido pelo Sr. Elias da Silva Carvalho; um cachimbo de pau, zoomorfico, oferecido pelo Sr. José Coelho Paiva, de Terena; um *copeiro de almofariz*, ou descanso para êste e para a mão, com uma gavetinha em que se guardam miudezas (sementes, etc.),—mais ou menos artistico¹; um *canudo* de madeira, com enfeites, para soprar ao lume; uma *beliscadeira*, que se emprega no fabrico de bôlos; um almofariz pequeno de bronze; e, por dadiua da Ex.^{ma} Senhora D. Mariana Belo, um *descanso* artistico de ferro-de-engomar.

22 de Abril de 1916.—Novo passeio a Vila-Viçosa, em companhia do Sr. D.^{or} Antonio Vitorino de Carvalho: Visitei com o Sr. Tenente Garcia o panteão ducal. Os tumulos são pela mor parte uniformes, pois foram feitos ao mesmo tempo, muito depois do falecimento dos duques aí sepultados². Num dêles lê-se: DOM A IAIMES A IIII A DVQVE A D BRAGANÇA A³. Tão modesta inscrição para tão famoso duque! A palavra *Jaimes*, nesta fórma, é corrente em textos dos secs. XV, XVI e XVII, e corresponde a *Saint-Jaimes*, *Saint-Jaymes*, do Sul da França. Em Obidos dizem tambem *Jaimes*, mas supponho que aí o -s não provém da antiga desinencia do nominativo, mas se acrescentou modernamente por analogia com outros nomes acabados em s, quer da lingoa corrente, quer apenas da popular, como *Gomes*, *Metildes*, etc.

Por dadiua do Sr. Antonio Francisco Cuba, mestre-ferreiro, obtive para o Museu uma coleira de cão, feita de ferro, e um punhal antigo. A coleira servia para o cão se defender melhor do lobo, quando lutava com ele⁴. Noutra loja de ferreiro comprei: uma *torradeira* cordiforme, um *descanso* artistico de espêto, um *descanso* de ferro-de-engomar, ornamentado de um coração e de uma estrela de seis raios: três belos espécimes de arte popular, devidos à habilidade de Joaquim An-

¹ A palavra *copeiro* applica-se propriamente a um descanso de copos: vid. *Historia do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 207; mas generalizou-se, applicando-se a objectos congeneres. O mesmo aconteceu com *camaroeiro*: vid. supra, p. 169, nota.

² Cf. o que diz Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, xi, 1150, e P.^o Rocha Espanca, *Compendio de Villa-Viçosa*, Redondo 1892, p. 338.

³ Acêrca de D. Jaime (1478-1532) vid P.^o Espanca, *Compendio de Villa-Viçosa*, pp. 154 e 161.

⁴ Nas regiões onde ha lobos com abundancia, tais coleiras ainda hoje tem emprêgo, por exemplo nos montes do Ponsul (Beira-Baixa).

tónio da Silva Carvalho, homem de uns cincoenta anos, que na ocasião em que entrei na sua forja lidava afogueado, de avental de carneira, boina na cabeça, e em mangas de camisa, batendo com força o ferro na bigorna. Quem diria que em tão rude e modesta officina, entre as chispas que o martelo fazia saltar, e o ruído abafado e monótono do fole, velava uma alma sensível, que concebia a eterna beleza, e à concepção sabia dar fôrma aprimorada!—Obtive em Vila Viçosa mais estes objectos: um gancho-de-meia, de latão, com feitio de relha de arado, feito pelo referido Silva Carvalho, e oferecido por ele; e por compra: um vaso antigo de latão; três pesos de ferro, dos secs. XVIII e XIX; um pêso de bronze, de fôrma de caixa, com a data de «1855»; um garfo de ferro antigo, muito grande, semelhante aos que hoje se usam para tirar da panela carne, peixe, ou couve.

23 de Abril de 1916, dia de Pascoa.—Não saí da vila, e ocupei-me copiando três inscrições do castelo, que aqui reproduzo. Estas inscrições, com outras que ainda não copiei, vem já em várias obras, por exemplo na *Relação do bispado de Elvas* do D.^{or} Gonçalves de Novais, Lisboa 1635, fls. 31 v-32, porém sem inteira exactidão¹. São escritas em letra uncial misturada com letra romana.

1) Internamente, na parede da casa chamada «do consistório»:

: ERA : DE : MIL : E : (cruz) CCC : E : XXXUI : AN¹
 : XXIII : DIAS : ANDA DOS : DE : FEUEIREIRO
 : FEZ : ESTE : CASTELO : DON : LOURENCO AFONSO :
 : MAESTRE : DAUIS : A : ONRA : E : A SERVIÇO : DE : DEUS
 : E : DE : SANTA : MARIA : SA : MADRE : E : DA SA ORDEN : E :
 : DO : MUI : NOBRE : SENOR : DON : DENIS : REI : DE :
 : PORTUGAL : E : DO : ALGARUE : REINANTE : EN :
 : AQVEL : TENPO : E A DEFENDEMENTO : DOSE
 : US : REINOS : SALUA (ornato) TOR : MUNDI : SALUA : ME :

Isto é: «Era de mil e trezentos e 36 anos², 24 dias andados de »Fevereiro³, fez este castelo Don Lourenço⁴ Afonso, maestre d'Avis,

¹ Cf. também *O Arch. Port.*, II, 137.

² = ano de 1300, de Cristo.

³ Isto é: 24 de Fevereiro. Acêrea da expressão *dias andados* vid. João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronolog. e criticas*, II, 59 sgs.

⁴ Na inscrição falta a cedilha.

»a onra e a serviço de Deus e de Santa Maria sa madre¹, e da sa
 »orden e do mui nobre sen(h)or Don Denis, rei de Portugal e do Al-
 »garve, reinante en aquel² tempo, e a defendemento³ do' seus⁴ reinos.
 »*Salvator mundi, salva me*».

2) À entrada da torre do relojio (letra analogica):

QVANDO : QVISERES : FAZE
 R : ALGUA : COUSA : CATA : OQUE
 TE : EN : DEPOIS : UERA : EQUEN : DET
 I : FIAR : NONO : ENGANES : LEALDADE
 UENCE : TODALAS : COUSA⁵

Isto é: «Quando quiseres fazer alguma⁵ cousa, cata⁶ o que te en⁷
 »depois verá⁸; e quem de ti fiar, nono⁹ enganes: lealdade vence to-
 »da'las cousas». Os nossos antigos eram muito sentenciosos no seu
 »dizer; aqui temos um bom exemplo d'isso.

3) À entrada da porta do castelo, do lado da estrada (letra ana-
 loga à das antecedentes):

LEGALI : BI : IL : ILLALLA : DEOS :
 E : E DEOS : SERA : POR : QUEN : EL
 FOR : ESE : UENCERA : EU : MOURO : C
 ALUO : FOI : MAESTRE : DE FAZER : ES^T
 *CASTELO : DE LANDROAL¹⁰

Isto é: «*Legali bi il illallá*. || Deos é, e Deos será: || por quen

¹ «sua mãe». Tanto aqui, como na frase seguinte, *sa* é pronome possessivo átono feminino.

² *aquel* é também forma antiga.

³ Em *defendemento* = *defende-mento*, de *defender*, a vogal de derivação é *e*, como em galego (*frolecemento, tangemento, descorremento*, etc.), e não *i*, como em português moderno, onde provém de analogia com o *i* da 3.ª conjugação (*ferimento, fingimento*, etc.).

⁴ No texto está, como pus, *noseus*: por causa da passagem para a linha seguinte, escapou um *s* ao lapicida.

⁵ No texto sem til.

⁶ «procura».

⁷ «d'isso».

⁸ No texto sem til. Significa «virá», «acontecerá».

⁹ = *no'no* = *nõ no*. Assim se diz ainda hoje, sem claro nasalamento, na lingua popular do Norte e da Beira (propriamente: nu'no). Cf. *nomais* (= *no'mais* = *nõ mais*) nos *Lusiadas*, x, 145.

¹⁰ A pedra está quebrada, e já o estava quando gravaram a inscrição. A 5.ª linha acha-se deteriorada, e não se lê bem o que fica depois de CASTELO, mas parece-me que as letras são DE LANDROAL.

»el for, es(s)e vencerá¹. Eu Mouro Calvo foi² maestre de fazer³ »este castelo de Landroal».

A primeira frase é uma sentença arabica, visto que o mestre da obra era Maometano: tem notavel o estar transcrita em letras portuguezas, e creio ser isto entre nós caso unico por ora⁴.

24 de Abril de 1914.—Continuei as excavações em Alcalate, e tive occasião de falar com o segundo cantador a que aludo no meu opusculo *Cantigas «quadradas»*.

25 de Abril de 1916.—Foi dia de feira no Alandroal (*S. Bento*: cf. supra, p. 162), e não saí da vila: ocupei-me em ir à feira, em coordenar as minhas notas, etc.

26 de Abril de 1916.—Parti com o meu amigo Belo para a quinta de S. Pedro, que fica ao pé de Campo-Maior. Manhã quieta, com a immobidade que caracteriza o Alentejo: só o trem se mexe, rodando ao longo de campos de trigo *em borracha*⁵, e de azinheiras que formam florestas verde-escuras. O nosso caminho era por Vila Viçosa, que atravessámos, bem como a imensa Tapada ducal, que se compõe de duas herdades pegadas: ha nela azinheiras, sobreiras, oliveiras e pinheiros; tem várias ruas, uma d'elas central, com um portão e um guarda em cada um dos extremos: por esta rua seguimos.

Ao deixarmos a Tapada, encontrámos à esquerda uma *albufeira*, que, ao que ouvi, cria bom peixe,—carpas e *eirós*. Continuámos, ora, como pouco antes, através de vicejantes *trigueiras* e *cevadeiras*⁶, ora por entre eucaliptos. De tempos a tempos passava por nós um *carro de canudo*, com toldo azul e *faixa* (orla) branca, ou avistavamos à beira da estrada um *monte*, de alta chaminé, por cujas *gregas* (respi-

¹ Prosa rimada.

² «fui». Não só *foi* é a 1.ª pessoa do preterito no Cancioneiro de D. Denis e noutros textos medievais, mas ainda hoje na linguagem popular do Norte e da Beira.

³ *foi maestre de fazer este castelo*, isto é, «dirigi a construção d'este castelo».

⁴ Consultando o meu colega universitario, e illustre arabista, D.º David Lopes, ele notou-me que a sentença *le galibi il ill' Alla* era a devisa dos reis de Granada: لا غالب الا الله = *la galib illa Allah*, isto é, «não vencedor, senão Deus»: Vives, *Monedas de las dinastias arábigo-españ.*, pp. LXXXV e 371-379, 381-383, 469.—Acrecentarei que o elemento *il*, que não entra na devisa do rei granadino, talvez seja devido a êrro do lapicida, por causa do comêço de *ill(a)*.

⁵ Isto é, «antes de espigar».

⁶ Respectivamente campos de trigo e de cevada.

radouros) o fumo saía, desenrolando-se no espaço. À direita, numa baixa, espalhava-se, erma e esquecida, a aldeia da Terrugem; os habitantes merecem aos povos vizinhos conceito de «lapantanas», e o proprio orago não escapa à satira mordaz do vulgo:

S. António da Terruge',
Feito de pau de azinho¹,

Tem mais fôrça no canelo²
Que um barrasco³ no focinho.

Quando o santo é d'esta laia, que fará a gente! Todavia as satiras da mesma especie nem sempre correspondem à realidade: são quasi sempre meros divertimentos poeticos.

Pelas 10 horas almoçámos vergilianamente numa *barreira*, na margem do ribeiro da Nora, à sombra de uma faia, onde o sol incidia, dando às folhas movediças aspectos de prata. A ti' Ana, que ia por acaso connosco, já sexagenaria, e de grenhas nevadas, mas apesar d'isso orgulhosa de um longo cordão de ouro que lhe caía em dobras pelo peito a baixo, animou o acto com engraçadas e apropriadas cantigas, que proferiu ao desdobrar o farnel. Aqui reproduzo uma:

Salsa verde na parede,
Qualquer raminho⁴ tempera⁵:

Vale mais um amor de fora
Que quatro ou cinco da terra!

Mal tinhamos acabado de comer, appareceu-nos na estrada um porqueiro, que andava por ali com o seu *alfeire*⁶. Interrogado acêrca

¹ Noutras partes invoca-se S. Gonçalo:

S. Gonçalo de Amarante,
Feito de pau de amieiro,

vid. *Historia do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 62.—Na Galiza invoca-se S. Tiago: vid. *Revista Lusitana*, VII, 226.

² *Canelo* «ferradura já gasta».

³ Por *verrasco*.

⁴ Isto é: «qualquer raminho d'ela».

⁵ O sentido d'estes versos é: para dar tempêro à comida, basta um raminho de salsa, da que se cria pelas paredes.—Oferece-se-nos aqui um exemplo do que os gramaticos chamam *anacoluto*, pois o primeiro verso não se liga sintaticamente com o segundo: tendo-se enunciado em primeiro lugar a idea mais geral (*salsa*), passou-se de modo brusco à enunciação da idea especial (*raminho*). Analogo *anacoluto* temos numa cantiga que ouvi em Almeirim, e que começa:

Os rapazes de Alpiaça (Alpiarça),
O melhor é o meu amor,

isto é «o melhor d'elles», o que corresponde a «dos rapazes . . o melhor é».

⁶ *Alfeire* é um rebanho em que as fêmeas (porcas, ovelhas, cabras, vacas) andam desacompanhadas das crias; mas com as fêmeas podem andar os machos.

de cantigas populares, recitou duas, alusivas uma à topografia do sítio, e outra ao seu mester (ironica):

Adeus, «monte» da Vieira,
 Mais abaixo fica a Nora¹:
 Meu amor é bandoleiro,
 Adeus que eu vou-me embora.

Assobi à *gambonêra*²
 A colhêr uma *gambôa*³;
 Quem tem amores *porquêros*,
 A lenços finos se assoa!

Passava de meio-dia quando atravessámos Vila-Boim. A rua principal, no comêço, só tem casas do lado direito; depois ha-as dos dois lados. As chaminés, singelas, estão em renques à frente dos telhados: vistas obliquamente, e de longe, parecem constituir um unico muro. Se mais de uma vez falo em chaminés, é que neste apêndiculo das casas temos um dos caracteres da arquitectura meridional⁴. Para lá de Vila-Boim fica a Hôrta-de-Elvas, lugarejo de pouca importância: à entrada via-se uma *çoça* ou «choça», feita de palha de trigo, e sobranceira à estrada,—especie de telheiro ou alpendre para arrumo de aprestos de lavoura. Um pouco adiante bebiamos ágoa, e lavavamo-nos da poeira, no tanque da Senhora da Piedade, já perto de Elvas; a igreja, situada entre olaias, que na ocasião estavam floridas, é santuario formoso e de grande devoção: só *casas de milagres* conta três, afora os quadros, muletas, fundas, tranças de cabelo, habitos, e figuras de cera e de prata que pejam a sacristia.

Em Elvas tinhamos o gôsto de encontrar o D.^{or} Ernesto Leite de Vasconcelos, que ia esperar-nos para nos receber na sua quinta de S. Pedro. O Dr. Vasconcelos, apesar da igualdade dos nossos apelidos, não é, que eu saiba, meu parente: mas nem por isso prezo menos a sua amizade. Depois de exercer com brilho a advocacia no Porto, foi director da Colonia Agricola de Vila-Fernando, a que deu o esplendor que toda a gente conhece; hoje dedica-se à lavoura, como simples particular. Em Elvas demorámo-nos pouco, pois eu tencionava voltar lá, como voltei: só fiz rapida visita ao Museu Municipal e Biblioteca, em companhia do estimavel jornalista, o Sr. Tôrres de Carvalho, que dirige interinamente êsses dois institutos, e com quem eu mantinha cordiais relações literarias havia bastantes anos.

¹ Outro «monte», perto de um ribeiro do mesmo nome.

² = *gamboneira*. O mesmo que *gamboeira* (variedade de marneleiro: vid. Peireira Coutinho, *Flora de Portugal*, Lisboa 1913, p. 289).

³ «marmelo».

⁴ Vid. *Historia do Museu Etnologico*, pp. 56, 206 e 378 (estampas).

De Elvas para Campo-Maior é quasi sempre uma solidão; monotonos trigais, e nenhumaes árvores. Na herdade do Freixo, por onde passámos obtive para o Museu Etnologico alguns machados de pedra polida, apparecidos por aqueles sitios. Após a travessia do Caia, em ponte, deixámos Campo-Maior à direita, que sobressaía com suas igrejas e castelo, e chegámos a S. Pedro, termo da nossa viagem.

Logo à entrada da quinta constituem outros tantos atractivos para os olhos a grandiosidade do palacio, os jardins que o rodeiam, os tanques onde a água cai graciosamente da bôca de figuras de marmore, as ruas de buxo fresco e espesso que a pouca distância se divisam. Como em tão aprazivel local devia repousar bem um viajante cansado, — e susceptivel de dormir! Na quinta nos acolheram com toda a amabilidade a Ex.^{ma} Senhora Viscondessa de Rio Xêvora, esposa do D.^{or} Vasconcelos (e parenta de José Belo), e o Sr. D. João de Portugal, pai da Senhora Viscondessa, e meu velho amigo, que muito estimei abraçar.

Casualmente no dia da nossa chegada se estava tosquiando gado (ovelhas e carneiros): tive pois ensejo de colhêr mais algumas informações acêrca de um ornato de que falei na *Historia do Museu Etnologico*, pp. 218–219, e que consiste em desenhos lineares feitos com uma tesoura, no pescoço e ancas do gado muar, por *tosquiadores* de profissão. O *tosquiador* que trabalhava em S. Pedro era de Vila-Boim, e traçou na minha presença, num papel, um dos desenhos de que usa, e a que chamou *bordado* (vid. fig. 6): consta de *bigodes*, e estes de *silvas*; os *bigodes* são ornatos angulares maiores, as *silvas* os traços que estão dentro. Tais denominações tem origem claramente metaphorica. A titulo de comparação, aqui publico (figs. 7 e 8) outros desenhos que uma vez copiei na estação de Vila-Viçosa, o qual ouvi de modo geral denominar *rameado* e *enrameado*. — Aos enfeites de toda a ordem (coiro colorido, franjas, chapas metalicas, etc.) de que se revestem os arreios juntam-se estes, executados no proprio corpo dos animais. Cf. *Ensaio Ethnographicos*, iv, 344, onde comparei os desenhos d'estes enrameados com os que os homens prehistoricos gravavam em chapões de lousa (coincidencias meramente fortuitas)¹. Os *tosquiadores*, que são quem faz isto, andam de terra em terra, na Primavera e no Outono, e levam 200 réis por cada animal que tosquam.

¹ Ultimamente tratou do assunto, de modo geral, o Sr. E. Frankowski in *Memorias de la Socied. Española de Hist. natural*, x (1916), 270 ss., onde tambem fala dos costumes portugueses.

27 de Abril de 1916.—Voltei a Elvas, ido da quinta de de S. Pedro. Quando a gente se aproxima da cidade, e ólha as casas apinhadas num alto, muito brancas, vem-lhe à mente a ideia de um punhado de bolos de amendoas,—tanto mais que na terra a indústria da doçaria goza de certa fama.

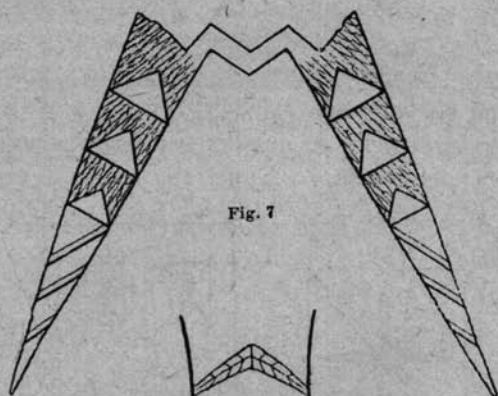


Fig. 7

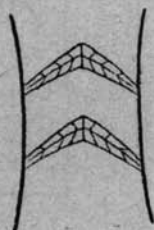


Fig. 6

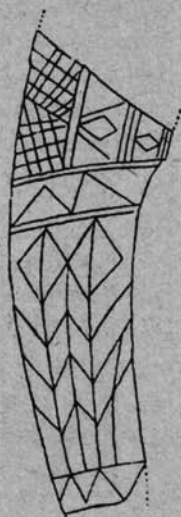


Fig. 8

As ruas que conduzem lá cima são íngremes, estreitas e tortuosas, como de praça forte; nas mais antigas ha casas de janelas proximas do chão, providas de altas grades salientes, como nas povoações do Sul de Hespanha. Tambem, à semelhança de Hespanha, e do Oriente, se vêem cortinas nas portas da rua. O edificio em que se vende o peixe, situado na Praça, com um alpendre à frente, chamado propriamente a *casinha do peixe*, tem três portas, e em cada uma d'elas dois postigos defendidos por grades de ferro d'este tipo: fig. 9. Por todo o Alentejo encontro grades, ou *cruzetas*, que protegem os postigos das portas nas casas particulares, mas são de tipos diversos (figs. 10 e 10-A); às vezes, em lugar da roseta, está um quadrado com um espigão, ou simplesmente um espigão estendido para diante. Em Elvas a *cruzeta* apresenta pelo lado de dentro da casa uma rêde de arame, que evita que por ali passe um braço, entre ou saia um gato, etc.

Ninguém exigirá de mim que eu descreva Elvas, embora de ordinario haja bastante que dizer de qualquer terra que se visita. Apenas para aqui vou copiando alguns apontamentos soltos que tomei na minha carteira.

Fiz nova visita ao Museu, e um tanto mais de vagar do que no dia anterior. O Museu está instalado junto da Biblioteca municipal, no antigo Collegio dos Jesuítas: compõe-se de uma galeria, onde figuram os objectos miúdos ou os mais importantes, e de um jardim, onde se guardam pedras volumosas, como túmulos, cabeceiras de sepulturas, etc. Foi fundado em 1880 por esforços do meu chorado amigo Antonio Tomás Pires, que encontrou todo o apoio na dedicação do Sr. Comendador Eusébio Nunes, ao tempo Presidente da Camara. Tantas vezes em público tenho falado de Pires¹, que não julgo necessário neste lugar fazer mais do que invocar a sua memória, sempre grata a todos os que estudam a Etnografia nacional, em

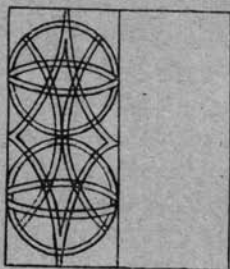


Fig. 9

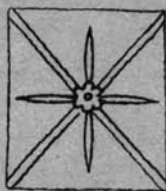


Fig. 10-A

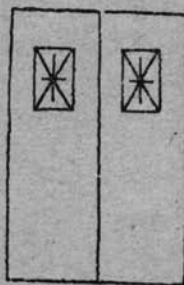


Fig. 10

cujo campo deixou trabalhos literários de imorredouro valor. No Museu elvense ha: antiguidades pre-romanas, romanas e arábicas, achadas em Portugal; antiguidades portuguesas; artefactos etnográficos do Alentejo; e cousas coloniais. Das colecções, tais como existiam em 1901, publicou Pires um catálogo, com gravuras, no *Arch. Port.*, vi, 209-236. De então para cá elas tem aumentado. Na fig. 11 represento um notavel crescente de barro, n.º 519 do Inventário manuscrito, a respeito do qual diz este que appareceu na Coutada, concelho de Arronches, entre fragmentos de mosaicos romanos; é análogo ao que publiquei no *Historia do Museu Etnologico*, p. 357². Outro ob-

¹ Vid.: *Ensaio Ethnographicos*, i, 329-334; ii, 341-344; iii, 362-365; iv, 45-49, 61-75, 162-170, 425; *Revista Lusitana*, xvi, 347-349; e o opúsculo que se intitula *Antonio Tomás Pires*, publicado em Elvas em 1913 por alguns amigos e admiradores, pp. 15-18.

² O inventário explica que este objecto tem «a configuração das cabeceiras que ainda hoje os Africanos trazem suspensas do cachaço». Se pelo tamanho o crescente do Museu de Elvas podia receber aquela interpretação, a mesma não se coaduna com a pequenez dos objectos iguais que o Museu Etnologico possui (*Historia do Museu*, pp. 183-184 e nota 1). Cabeceira de barro (simbolica) será antes a que publiquei no meu livro *De Campolide a Melrose*, p. 145, fig. 71.

jecto digno de menção é a arma prehistórica de sílex que reproduzo na fig. 12: a notabilidade provém-lhe do tamanho (comprimento 0^m,025). Entre as lapides romanas chamou a minha atenção unia, que me disseram appareceu em Campo Maior, na qual, a par de letras dispostas artificialmente, ha ornatos esculturais que lembram os dos chavões e das colhéres que hoje fazem os pastores alentejanos. De épocas posteriores tem o Museu: uma inscrição arábica, que appareceu no castelo; curiosidades militares, louças, azulejos, e figuras de barro; um jugo elvense (modêlo), que tem gravado na frente um «sino-saimão dobrado»; esculturas pastoris; moedas; etc.

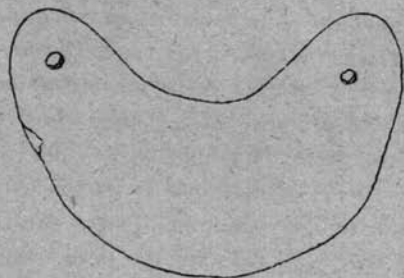


Fig. 11 — 1/3 do tamanho natural

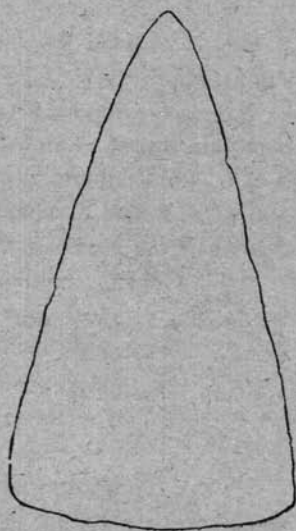


Fig. 12 — 1/3 do tamanho natural

Ha pouco falei da indústria da doçaria: as *ameixas de Elvas* são célebres em todo o país. Algo de Etnografia e Arte anda anexo a esta indústria: quando as ameixas se colocam nas caixas em que hão-de ser exportadas, cobrem-se de uns papelinhos recortados, a que chamam *rosas*; além d'isso entre elas metem-se franjas, tambem de papel, de várias côres, a que chamam *periquitos*. Para se fazerem as *rosas* traça-se o «risco» com tinta em um papel: depois o «risco» passa-se com lapis (por transparência) para um papel fino que se recorta à tesoura. Obtem-se assim desenhos de diferentes tipos, como se vê em varios exemplares que adquiri para o Museu Etnologico, por intermedio do Sr. José Guilherme da Silva Carvalho, empregado da Biblioteca de Elvas.

A par com as *rosas* de papel obtive para o Museu mais os seguintes objectos: dois *espelhos* de porta, de ferro, antigos, e artisticos;

um *registo* da «Senhora da Nazaré, de Elvas», de 1850; um belo par de *pintadeiras* de buxo, inteiriças, feitas por um pastor do Alandroal¹, e que me foram dadas por intermedio da Ex.^{ma} Sr.^a Viscondessa de Rio Xêvora; três exemplares de amostras de *rendas de duas agulhas*, que me ofereceu a Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia Pires, irmã de Antonio Tomás Pires; duas figurinhas de barro, de presepio, que parece serão da antiga fábrica de Extremôz; outra figurinha, de igual substância, mas de outra fábrica (mulher de barrete, e que leva um cêsto com queijos ou doces cobertos por uma toalha); cinco denários da República romana.

28 de Abril de 1916. — Destinei a maior parte do dia a visitar Campo Maior².

Nas casas ha algumas sacadas artisticas, de ferro forjado, que mereciam detido exame de um especialista (a proposito, notarei que, para o conhecimento da arte do ferro entre nós, pode servir de auxilio o magnifico e recente livro dos Srs. Stapley & Byne, intitulado *Rejería of the Spanish Renaissance*, Nova-York 1914). Como em Elvas, tambem em Campo Maior, nas portas do rés-do-chão e das janelas, se vêem cortinas que se movem em varões de ferro: denominam-se *corrediças*. Outra curiosidade etnografica, embora não rara no Alentejo, consiste em terem por vezes os *veladores* das candeias cunho mitologico: já no Museu de Belem recolhi um de lata, que representa Neptuno³; em Campo Maior vi outro que representava a Fama, figurada com asas, no acto de tocar trombeta. Estas lembranças classicas tem origem moderna. Aos que se dedicam ao estudo da história da ceramica portuguesa indico um pote em que se vê gravada a data de «1804» e a palavra «Vieyra», postas quando o barro ainda estava fresco (*Vieyra* entenda-se que designa o oleiro); o referido pote vi-o numa casa particular.



Fig. 13

A vila não abunda de monumentos: entre os poucos que possui, o castelo chama a atenção dos forasteiros, já por causa do panorama que nos põe diante dos olhos, — o vasto *campo* que deu o nome à povoação —, já por que guarnecido de poucos soldados, resistiu heroicamente durante onze dias, em Março de 1811, ao cêrco com que 4:000 Franceses o apertaram (como consta de uma lapide que a

¹ Às *pintadeiras* chamam em Elvas *chavões*. Cf. *Rev. Lus.*, xi, 77-78.

² Acêrca da vila vid. a *Memoria historica* de Fr. João Mariano, Elvas 1912.

³ Vid. *Historia do Museu*, Lisboa 1915, p. 207 (*mancebo*).

Comissão do Centenario da Guerra Peninsular mandou colocar num dos muros); o castelo vai caindo em ruínas pouco a pouco, todavia conserva-se nele, do lado da estrada, uma janela manuelina (fig. 13), que os *Camponeses*¹ não devem deixar acabar de todo, ameaçada como está pelas pedradas do rapazio.

Da vila e arredores se lembram estas cantigas que ouvi lá:

Ó belo Campo-Maior,
Distrito de Portalegre,
No dia que te não vejo
Já não posso andar alegre.

A Senhora da Saúde²
Stá no meio dos olivais,
Stá guardando a azeitona,
Não na comam os pardais.

A primeira é analoga a uma muito conhecida no Norte,

Ó Vila-Real alegre,
Província de Tras-os-Montes,

No dia em que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes³,

só variam os versos 2.º e 4.º, por causa da applicação de cada quadra a sua localidade e região (isto mostra como as cantigas populares se transmitem e modificam). A segunda tem cunho verdadeiramente alentejano, pelo menos no sentimento com que é recitada, visto ser a azeitona uma das riquezas da província⁴.

Na visita de Campo-Maior acompanhou-me o Sr. Mauro Alves (amigo do Dr. Ernesto Leite de Vasconcelos), e com o seu auxilio obtive os seguintes objectos para o Museu Etnologico: um machado neolitico; um machado da epocha do bronze; dois *veladores* de ferro, artisticos; um *ferro* de marcar gado (cavalos, mulas, bois); um pêso de ferro, antigo, com um número; um *fecho* de porta; dois *espelhos* de porta artisticos; uma *cruzeta* de postigo, como as de que falei quando me referi a Elvas; uma *roca* de sacada (especie de esfera armilar, de ferro, que serve de adornar as sacadas, fixa num espigão em cada um dos angulos exteriores); bilhetes de visita antigos; um *anel de corvina* (isto é, anel de prata com um pedaço de osso de corvina encastoado nele). Êste último objecto é um amuleto muito usado, para evitar dores de olhos: a razão provém, como penso, da analogia que o povo estabelece entre o globo ocular e a figura do osso de peixe que sobressai na «cabeça» do anel. A analogia (falsa) é uma das grandes fontes das operações e receitas mágicas.

¹ Assim se chama popularmente aos habitantes de Campo-Maior.

² Santuario perto de Campo-Maior.

³ Publiquei-a nos *Ditados topicos de Portugal*, Barcelos 1882, § 64.

⁴ Todavia ha cantigas paralelas, que por brevidade não transcrevo.

29 de Abril de 1916.—Desejando eu ver Ouguela, que não fica muito longe da quinta de S. Pedro, o Dr. Vasconcelos apresentou-me ao Sr. Ismael Antonio da Costa, 1.º Cabo da Guarda Fiscal, e com ele passei parte do dia em excursões arqueológico-etnográficas.

Ouguela¹ ocupa um outeiro, de declives pouco suaves de subir; no sopé, pelo Norte, corre o rio Barlongo, que entra no rio Xêvora²; para além dos dois rios, ao cabo de extensos azinhais, aparece o horizonte hespanhol orlado de montes, e num pináculo o castelo de Albuquerque, com a vila do mesmo nome a alvejar-lhe numa baixa, ao lado.

Na encosta por onde subi para Ouguela ha uma *Fonte Santa*, em que parei: tem um arco, e na parte exterior d'este um azulejo do sec. XVIII, no qual se figura a Virgem coroada, e um personagem de calção e em cabelo, de joelhos diante d'ela; por baixo, numa fita, lê-se: SE QUEREIS SAUDE, VINDE A MIM, FONTE DE GRAÇA. Este dizer funda-se em que a Virgem recebêra a invocação de *Senhora da Graça*. Actualmente não se liga à fonte nenhuma superstição ou devoção especial; apenas vai lá toda a gente buscar água, por a supôr possuidora de virtudes medicinais. Mas deve ter recebido culto outr'ora. Misturando o sagrado com o profano, ou antes, interpretando um pelo outro, cantam os Ouguelenses a seguinte cantiga:

A agoa da Fonte Santa
Quem na bebe 'tá doente:

De lá bebe o meu amor,
E goza saude encelente³.

Tanto em Ouguela como por longe chamam «cidade» a esta povoação, e dizem que d'antes o foi, apesar de nunca haver passado de vila, hoje extinta. Outra cantiga o afirma tambem, ao mesmo tempo

¹ A palavra *Ouguela* talvez provenha de *Agoela* (deminutivo de *agoa*); cf., quanto à fonetica, o verbo *ougar* <> *agoar*.

² Assim ouvi pronunciar, com ê. Exs. que colhi em Ouguela: «vô lavar a Xêbra»; «Xêbra vai cheia de agoa»; «tal é a cheia que Xêbra leva!»; «ai que funda vai a Xêbra!», «amor ao pé de Xêbra». A par ouvi *Xêvora*. Na *Chorographia* de Baptista, t. 1, p. 145, vem *Xevora* e *Xevora* (sem acento). Na *Relação do Bispado de Elvas*, fl. 21 v, vem *Sevora*. Dos exemplos citados vê-se que o nome do rio ora é, ora não é, precedido de artigo, e que, por acabar em *a*, o fazem feminino, como outros que mencionei nas *Lições de Philologia*, Lisboa 1911, p. 330, nota 1, a que posso juntar a *Ocrêza* (afluente do Tejo), e a *Liria* (afluente da *Ocrêza*).—O rio Xêvora nasce na Hespanha, e depois de correr algum tempo no nosso país perto de Ouguela, torna a entrar no vizinho reino, onde desagôa no Guadiana: cf. Baptista, *loco citato*. Em hespanhol escreve-se *Gévora*; a pronúncia com «b», em Ouguela, pode resultar de valer «b» o *v* espanhol.

³ O e é de mais, para o metro; assim ouvi porém.

que ministra indicações topograficas muito conformes, como já vimos, com a realidade:

Bela cidade d'Oguela
Dá vistas à Lapagueira¹:

Mal empregada cidade
Star em tão alta ladeira!

Tal denominação provém, quanto a mim, de concepção popular moderna, e não de ter aqui tido na idade-média a palavra *cidade* o sentido que Viterbo lhe atribue no *Elucidario*, s. v., § III. Vulgarmente o povo designa como «cidades» certas ruínas e localidades antigas, revestindo-as até de lendas, por exemplo: *cidade da Malha* (Torres Novas), *cidade de Alenquer*, *cidade de Nagosa* (Tua); e por antonomasia *Cidade* (Melgaço), palavra que corresponde a «castro».

A «cidade» de Oguela compõe-se de duas partes: *castelo*, e *arrabalde*. O *castelo*, inteiramente desmantelado, e reduzido a uns panos de muralhas e a uns torreões, abrange dentro de si a igreja, o cemiterio, e uns casebres. Faz dó entrar lá, tanto é o estrago! A igreja está ao desamparo; o cemiterio assemelha-se a um monturo; as casas miseráveis nem parece pertencerem ao Alentejo. O autor d-*Os Salões* tem no cemiterio um singelo tumulo de marmore, feição de casa com telhado de duas ágoas, encimado de uma cruz na frente; uma inscrição gravada no tumulo diz laconicamente: *Aqui jaz Carlos Ramiro Coutinho* || *treceiro* (sic) *barão de Barcelinhos* || *e primeiro visconde* || *de Oguella* ||. O *arrabalde*, não obstante as suas ruas ladeirantas, constitue a parte melhor da povoação, que, ainda assim, é muitíssimo modesta. A parte de Oguela abrangida pelo recinto do castelo chamam *Lá dentro* ou *Cá dentro*, conforme a posição de quem fala; à exterior ou arrabalde chamam *Lá* (ou *Cá*) *fóra*².

No que toca aos meus estudos, tomei nota de algumas superstições e costumes. Quem tem sezões vai com um punhado de sal à margem

¹ Nome de herdade. *Lapagueira* derivará de *lapa*, com a sufixo *-ag-*, (*-eg-*, *-ig*) de *pedr-ag-oso*, *pedr-eg-ulho*, *pedr-eg-al*, *Pedr-eg(u)-eira*: isto é, *Lap-ag(u)-eira*.

² É curiosa esta incerteza de expressão. Claro está que quando começou a dizer-se, por exemplo, *Além (do) Tejo*, os Alentejanos não podiam de, nominar assim a sua terra, visto que viviam nela; o mesmo aconteceu com *Trás-os-Montes*. Depois perdeu-se a consciência de que *Além-Tejo* e *Trás-os-Montes* eram frases flutuantes, e elas tornaram-se nomes proprios. Os do Alentejo deviam denominar a respectiva região *Aquém do Tejo*, e os Trasmontanos a sua *Aquém dos Montes*; d'aquella não conheço porém vestígios, d'esta sim (vid. *Revista Lusitana*, II, 100). Como mais usados, predominaram *Além-Tejo* e *Trás-os-Montes*. Quanto a Oguela, *Lá (Cá) dentro* e *Lá (Cá) fóra* estão ainda na fase consciente, e talvez assim fiquem sempre, por se applicarem a um local destituído de importância.

de um rio ou à beira de um poço, antes de nascer o sol, e sem olhar para trás, nem falar com ninguém, atira-o para lá, de costas, por cima do ombro, depois de dizer em hespanhol umas palavras; a primeira pessoa que depois passar por ali apanha as sezões¹. De uma pessoa que é brava de natureza diz-se «que nasceu na *mancha*» (mato)². Ouvi dar correntemente o nome de *alcagota* a uma prateleira, de uns 0^m,40 de largura, em que se colocam pratos a pino, encostados à parede. Numa casa vi um *velador* de fólha de ferro que representa um homem com uma vara na mão, ao qual o povo chama «o rei das ágoas», denominação correspondente à figura de Neptuno de que acima falei. Entre várias canções populares que coligi ha esta:

Óguela, por ser Óguela,
Tambem é terra de pão,

Tambem ha³ moças bonitas
Kelaras⁴ com o carvão,

onde o poeta anonimo deu, como se costuma dizer, uma no cravo, outra na ferradura, pois ao mesmo tempo que elogia a fecundidade do solo, satiriza a fealdade das mulheres. Não acho porém que as mulheres d'aqui sejam inferiores, em dotes fisicos, às de outras regiões do Alentejo; as povoações vizinhas é que escolheram Ouguela como alvo de zombaria: nos *Cantos populares* de A. T. Pires, t. IV, p. 355-356, dedicam-se-lhe outras cantigas, igualmente mordazes.

Para o Museu Etnologico obtive: um *galo* de ferro, que constituía o catavento do antigo pelourinho de Ouguela, e que estava despezado em casa de um aldeão; um *velador* da mesma substância, e tambem antigo; uma terrina de faiança, com tampa; quatro machados prehistoricos de pedra polida.

Depois de ter percorrido Ouguela, dispus-me para ir com o meu companheiro à ermida da Senhora da Enxára, porque me haviam

¹ Nesta superstição observam-se vários ritos que são comuns a muitas operações mágicas, como o momento da operação (antes do sol nado), o local (beira de ágoa), o não se olhar para trás, o emprêgo de sal, o arremêso de costas, o ensalmo, e a transferencia da doença. Não é aqui o lugar de desenvolver o assunto.

² «Chama-se *mancha* a uma porção de terreno formado de umbrias e corgas, ordinariamente coberto de mato, basto e crescido, onde a caça costuma acolher-se». A. de Melo Breyner in *A Tradição* (Serpá), II, 23. Em hespanhol tambem ha *mancha* com sentidos vizinhos d'este: vid. *Dicc. de la Academia*; foi êste vocabulo que deu a denominação à região que se tornou célebre com D. Quixote.— A origem está numa metáfora oposta à que motivou o portuguez *clareira* e o francês *clairière* ou *clarière*.

³ Embora em portuguez antigo *ha* signifique «tem», creio que aqui está por «ha lá».

⁴ = *claras*.

dito que existia lá uma pedra maravilhosa, isto é, dotada de certas virtudes sobrenaturais. Atravessámos o Xêvora em um barquinho de fundo chato, como se usa na localidade, e eis-nos na margem esquerda do rio. A excursão foi muito rápida, porque era já tarde, e eu tinha de voltar para S. Pedro. A ermida ergue-se solitaria em meio de campos, com largo portico à frente. Onde hoje ha terras cultivadas, houve outr'ora um matagal, que outra cousa não significa a palavra *Enxára*, do arábico ech-cha'-râ, «çarça». A um canto de um compartimento interior da ermida encontrei de facto a pedra; por ser escuro o compartimento, e eu não dispor de muito tempo, não a pude examinar bem, mas vi que era informe, e que teria de comprido uns 7 decímetros, e de largo metade. Conta-se que Nossa Senhora apparecêra uma vez, ali perto, em cima d'esta pedra, e nela deixara o vestigio dos seus «pèzinhos»: a pedra estava dentro de um charco, em meio de um silvado (isto é, numa *enxara*!). Quando o ano vai sêco, o povo tira a pedra da ermida e leva-a numa padiola em procissão debaixo de pálio, com um padre, ao pé do rio, e atira-a à ágoa, deixando-a lá permanecer até que chova. Às vezes com a pedra leva-se tambem a própria imagem da Senhora, que após o arremêso da pedra volta para o templo. Logo que chove, torna o povo a conduzir a pedra em procissão. Isto acontecia principalmente outr'ora; hoje a superstição acha-se em decadência¹. Colhi diversas cantigas alusivas à Senhora; aqui transcrevo três como amostra, por serem muito typicas:

A senhora da Enxára

Tem na² ermida nos matos:

Por causa dos mexericos

Se desmancham nos³ contratos!

A Senhora da Enxára

Tem janelas p'ra ribeira:

Quando vou a visitá-la,

Stou cansada da ladeira!

A Senhora da Enxára

Tem uma *pedra amarela*,

Aonde vão os passarinhos

A passar a Primavera⁴.

Por indicação do Sr. Ismael da Costa adquiri num «monte» proximo da Senhora da Enxára um pedaço de tabula romana marmorea,

¹ Acêrca da superstição da pedra com que se provoca a chuva (*lapis manalis* dos Romanos) vid. *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pp. 56-57; podia aqui juntar muitas notas comparativas, porém não me demorei agora com isso, por falta de tempo. Acêrca das pègadas vid. *Religiões da Lusitania*, I, 381-382; depois da publicação d'esta obra tenho tambem coligido muitas mais notas comparativas.

² «a».

³ «os».

⁴ Cf. tambem a *Relação do bispado de Elvas*, fls. 21-21 v.

de 0^m,43 × 0^m,47 × 0^m,05, em que se lê «XVIII». Apareceu na tapada da Pombinha, ao pé de Ouguela, na ocasião em que se lavrava a terra; foi o arado que a descobriu.

30 de Abril de 1916.—Regresso de S. Pedro ao Alandroal, pelo mesmo caminho da ida. Jornada de umas nove horas, em trem.

1 de Maio de 1916.—Estive no Alandroal. Encaixotei parte dos objectos que tinha adquirido, fiz algumas visitas, e descansei um pouco.

2 de Maio de 1916.—Por convite do Sr. João Rosado Perdigão, rico lavrador do concelho do Redondo, e padrinho de José Belo, fui com este meu amigo à herdade da Ribeira, onde aquele Sr. habita. Partimos do Alandroal às 11 da manhã. Apesar de caminharmos umas três horas, só encontramos no nosso percurso a aldeia de Bencatel e o «monte» da Argolia. Como o Alentejo é deserto! A herdade da Ribeira fica nas abas da Serra de Ossa; chama-se assim, porque passa por ela uma *ribeira* (antonomasia). Tanto se diz «Herdade da Ribeira», como «Monte da Ribeira»; *monte* originariamente quer dizer aqui, como algures, «casa de herdade». À entrada da Ribeira ha um bosque de azinheiras novas. Ao atravessá-lo, lembrei-me do *sanctum Buradonis ilicetum* de Marcial (IV, 55), pois talvez nos Lusitanos, nossos antepassados, a azinheira também recebesse culto religioso, como nos Celtiberos, visto ser árvore tão vulgar e tão importante¹.

Quis a sorte que no dia da chegada à Ribeira uns trabalhadores descobrissem no sítio do Colmeal, ao pé do «ribeiro» do Poço, umas ruínas antigas. O Sr. Rosado ficou muito contente com isso, por causa da agradável surpresa que ia causar-me. Fui logo lá com ele e com o Sr. Belo. As ruínas eram romanas. Havia no local pedras aparelhadas (sôltas), e um cano de chumbo, disposto entre argamassa; em volta apareciam pedaços de tegulas e de telha curva. A argamassa era formada de cal e seixos rolados, especie de *opus Signinum* grosseiro. O cano (*fistula*) era de secção triangular, estreito, e de muitos metros de comprido; em parte da sua extensão ligava-se a uma chapa

¹ Acêrca do curioso passo de Marcial vid. A. Schulten nos *Neue Jahrbücher f. d. klass. Altertum*, xxxi, 473.

grande, igualmente de chumbo, cuja superfície externa continha certo número de saliências, que seriam destinadas a fixar melhor a argamassa.

Depois de vistas estas ruínas, seguimos para a vizinha herdade da Silveira Grande, onde havia uma anta de granito, aberta para o Nascente, a qual constava de camara (sete esteios), de parte do corredor (três esteios), e de uns vestígios de mamôa; faltavam as coberturas. A exploração é muito facil, e um dia a farei, pois o Sr. Rosado teve a amabilidade de me dizer que esperava que eu voltasse aos seus sítios.

O resto da tarde consagrâmo-lo da visita à anta da Candieira, principal motivo da minha excursão ao concelho do Redondo. Esta anta é notavel porque um dos esteios da câmara tem um orificio. Conquanto existam fóra de Portugal numerosas antas com orificios análogos, esta é unica em Portugal, pelo menos de entre as conhecidas. Como as antas serviam de sepulturas aos homens prehistoricos, supõe-se com razão que os orificios se relacionavam com a crença na passagem das almas dos mortos por eles, para communicarem com o mundo dos vivos. Teria o orificio da anta da Candieira destino igual? Já discuti isto nas *Religiões da Lusitania*, I, 318-323, onde, de mais a mais, citei a bibliografia respectiva à anta até 1897. Ultimamente o archeologo alemão Wilke ponderou que o orificio estava proximo do bordo superior do esteio, ao passo que os orificios costumam ser no meio ou na metade inferior¹: a razão invocada tem valor, mas o orificio da nossa anta é bastante regular, oval, poído, pôsto com simetria no esteio que faz frente à porta, isto é, no esteio do Poente, porque a entrada da anta dá para o Nascente, como a da Silveira Grande; pareceu-me, ao contrário de que pensa Cartailhac², ter aspecto de antiguidade. Ao lado do orificio, por dentro, vê-se uma escavação irregular, que não atravessa a pedra: seria por aí que começaram a fazer o orificio, mas, como ficava pequeno, e pouco simétrico, recommçaram o trabalho, abrindo o orificio actual. Se viesse a descobrirem-se no nosso país mais alguma anta com orificio, o problema ficaria resolvido de vez. A anta da Candieira ergue-se num sobreiral, à vista, e ao Nascente, dos negrumes da Serra de Ossa, e proximo da Aldeia da Serra: embora já lhe falte o corredor, e só restem tenues vestígios de mamôa, a camara está muito bem conservada, com seus sete

¹ *Sudwesteuropäische Megalithkultur*, Wurzberg 1912, p. 17, n. 6.

² Apud *Religiões*, I, 322.

esteios, e cobertura ou chapéu. O povo, falando d'ela, diz: «É uma anta. Chama-se a *Casa da Moura*». Quando eu explorar a anta da Silveira Grande, explorarei também esta.

3 de Maio de 1916.—Fui à vila do Redondo em companhia dos Srs. Rosado e Belo. Aí juntou-se-nos o Sr. Antonio Fernandes da Silva Festas, genro do Sr. Rosado, e o Sr. Piteira; com eles visitei a vila, e o Museu municipal. Não era a primeira vez que eu percorria o Redondo; já por duas vezes, em anos anteriores, eu lá tinha estado, para adquirir, como adquiri, umas lápides lusitano-romanas.

O museu podia ser muito importante, não só porque a região abunda de particularidades etnograficas, mas porque aparecem por ali com frequência antiguidades prehistoricas e romanas; contudo é pobre, pois tem apenas: amostras de produtos agrarios (cereais, azeite, etc.); amostras de lãs, e de diferentes fases do preparo; amostras de rochas; armas gentilicas; uma *corna* lavrada (arte pastoril), e um frasco encanastrado; alguma ceramica antiga e moderna (no Redondo ha fábricas de louça); moedas portuguesas e romanas; um vaso romano de barro; quatro machados de pedra prehistoricos e uma goiva da mesma substância e epoca. Tudo muito mal arrumado.

No Redondo obtive para o Museu Etnologico os seguintes objectos: um machado neolitico, aparecido dentro da vila, e oferecido pelo Sr. Silva Festas; um *mealheiro* de cortiça com «bordados», oferecido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Inacia Coelho Perdigão Festas; nove especimes de louça infantil, que comprei numa das fábricas. Na herdade da Ribeira obtive: um bellissimo machado de pedra polida, achado na herdade do Congeito (Alandroal), oferecido pelo Sr. João Rosado Perdigão, que m'o tinha guardado; um pedaço do cano de chumbo romano de que falei acima¹, e a chapa que o acompanhava,—ofertas do mesmo Sr.; uma *costura* artistica, oferecida pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Joana Coelho Perdigão, espôsa do Sr. Rosado; outro machado de pedra, que comprei a um aldeão; um anel moderno, que comprei a uma rapariga. Nas vizinhanças da herdade adquiri: um prato de faiança antigo, um vaso, e um *gancho de meia* artistico.

Ao anoitecer, partimos da Ribeira para o Alandroal, onde chegámos às 10 horas da noite.

¹ Este pedaço de cano ainda não veio para o Museu, mas virá em breve.

4 de Maio de 1916.—Encaixotei o resto dos objectos obtidos para o Museu Etnologico, e à noite parti para Estremoz, onde pernoitei.

5 de Maio de 1916.—Passei o dia em Estremoz, onde obtive para o Museu o seguinte: um livro de 1812, com ex-libris externo, que diz: *T. M. da Penha; Do sitio de Lisboa* por Luis Mendez de Vasconcelos, Lisboa 1608; *Officia Ecclesiae Eborensis*, Evora 1752; *Hist. das antiguid. de Evora*, 1.^a parte, por Amado Patricio, Evora 1739; um ms. de Soror Mariana do Rosario; *Estatutos da Congregação dos Clerigos do Oratorio de N. S.^a da Assumção de Estremoz*, ms. dos começos do sec. XVIII; *Nova arte de viola* por Manoel da Paixão Ribeiro, Coimbra 1789; *Carta de privilegio de pedidor para os meninos orfãos do Collegio de Jesus da cidade de Lisboa*, 1779; um *passa-porte de transito*, de 1850, com as armas reais, e selo impresso de «40» reis; varios versos manuscritos; varios impressos de caracter politico, religioso e literario; anuncios antigos (papeis soltos); amostras de papel da primeira metade do sec. XIX em que se lê NICOLO POLLERI E FIGLI—ALMASSO.

6 de Maio de 1916.—Parti de manhã para Lisboa.

Como ha pessoas que às vezes deitam mau olhado ao Museu Etnologico, supondo que as excursões que em nome d'ele se fazem são para divertimento, aqui tem mais uma amostra de como se passa o tempo. *Nulla dies sine linea*. E isto que digo a meu respeito, digo-o tambem a respeito dos meus empregados. Quando algum de nós sai de Lisboa, é sempre para trabalhar. Nem de outro modo se comprehende que o Museu progrida como progride constantemente.

J. L. DE V.

Antiquitvs

I

As Grutas de Cascais

Existe, em um recanto da linda vila de Cascais, uma venerável antigualha, que teima em se deixar esquecer dos seus naturais donos e que, por isso, tem permanecido miserandamente conspurcada. Afora aqueles, desejo que me ouçam os que devem ter ouvidos para estas